Historicismos na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo

Rodrigo Cantarelli

Historicismos na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Milton Ribeiro

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
Antônio Ricardo Accioly Campos

DIRETOR DE MEMÓRIA, EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE (DIMECA)
Mario Helio Gomes de Lima

COORDENADORA-GERAL DO CENTRO DE ESTUDOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA
RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE (CEHIBRA)
Albertina Otávia Lacerda Malta

COORDENADORA DE GERENCIAMENTO DE PROJETOS E PROCESSOS
Elizabeth Mattos

Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Historicismos na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo

Rodrigo Cantarelli

Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

Reservados todos os direitos desta edição.
Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização
da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco.

Foi feito o depósito legal.

Impresso no Brasil.

Projeto gráfico e tratamento de imagens
Sidney Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca)

Cantarelli, Rodrigo

Historicismo na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da coleção ecletismo / Rodrigo Cantarelli. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2020.

158p. :il

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5737-001-8

1. Arquitetura. 2. Patrimônio. 3. Preservação. 4. Recife, PE. I. Título

CDU: 72:351.711(813.41)

Fundação Joaquim Nabuco | www.fundaj.gov.br
Av. 17 de Agosto, 2187 - Casa Forte - Recife, PE | CEP 52061-540
Telefone (81) 3073.6363
Editora Massangana | Telefone (81) 3073.6321
https://www.fundaj.gov.br/index.php/pagina-editora-massangana

SUMÁRIO

Os catálogos podem servir
como “memória viva de um passado morto”
por Mario Helio Gomes de Lima, **9**

Historicismos na arquitetura
dos subúrbios recifenses,
um recorte da Coleção Ecletismo
por Rodrigo Cantarelli, **13**

O Núcleo Antigo da Boa Vista, **31**

A Várzea do Beberibe, **61**

A Várzea do Capibaribe, **75**

A Várzea do Tejipió, **141**

Os fotógrafos da Coleção, **158**

Os catálogos podem servir como “memória viva de um passado morto”

Mario Helio Gomes de Lima
Diretor de Memória, Educação, Cultura e Arte
da Fundação Joaquim Nabuco

A história de um lugar é a soma do que se construiu, foi conservado e demolido, do que a memória reteve e do que a indiferença levou ao esquecimento. A fotografia tem sido, desde a sua origem, um modo de fixar algo dessa problemática, dando a ver o que as intermitências do tempo e as inclemências dos humanos fizeram com o espaço, sobretudo nos casos em que as construções e os objetos assumiram aquela condição de monumento e documento.

Neste catálogo, os pesquisadores do Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade oferecem aos leitores do século XXI um pouco das visões e feições de um estilo arquitetônico tão característico do gosto recifense no século XX.

Os bons catálogos são mais do que inventários. Reencenam e ensinam. Estimulam a reflexão e o interesse pela Memória e pela Estética, em geral tão relegadas no Brasil. Estabelecem narrativas e concatenações. É o caso desta publicação. Imprescindível aos envolvidos no difícil trabalho do Patrimônio.

Se um texto literário descreve, um texto fotográfico escreve um tipo de história que dá gosto *ver*. Os pesquisadores reuniram e organizaram neste catálogo as informações das edificações recifenses por eles estudadas. Usos, conservação, (des)caracterizações e outros critérios.

Os seres humanos não são meros produtos do meio nem de sua condição biológica. Afetam-se pelas circunstâncias, como ensinou Ortega y Gasset. Algo similar ocorre com as edificações. Elas não sofrem apenas

os caprichos da Fortuna e da Natureza, são afetadas também pelo que fizeram ou deixaram de fazer os seus construtores, preservadores e demolidores. Aliás, palavras como “demolição” e “demolir” estão entre as mais usadas neste catálogo. Nunca o Recife soube “crescer sem matar-se”.

Em parte – por sorte ainda só em parte –, os catálogos podem servir como “memória viva de um passado morto”. O paradoxo da presença da ausência, que suplanta a reminiscência quando se plasma em inconformadas fotografias, as tais fotografias que adensam os textos explicativos sobre a definição do ecletismo e sobre outros termos de arquitetura. O resultado é o casamento da iconografia com o pensamento.

Dá o que pensar – e oxalá também desse o que agir – o saber, com os pesquisadores, que

> *“a demolição dessas edificações (...) era um elemento presente no dia a dia dos pesquisadores, e o registro delas tinha como uma de suas motivações ‘sensibilizar e alertar profissionais e população para perdas irreversíveis e muitas vezes absurdas’ desses exemplares arquitetônicos. Era uma destruição que precisava, de certa forma, ser evitada. A prestação de contas da pesquisa ‘O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)’ nos mostra que Edja Trigueiro foi encarregada de elaborar uma proposta de proteção para a área de estudo em Casa Forte, um dos bairros mais contemplados no número de edificações registradas, no entanto este documento, se chegou a ser elaborado, não foi localizado na documentação relativa ao projeto. De qualquer forma, no ano seguinte ao término da pesquisa, mudanças foram implementadas, pela Prefeitura do Recife, na legislação daquela região visando à preservação de alguns exemplares arquitetônicos identificados e documentados”.*

Tem-se aqui o resumo de um século (1840-1940) da arquitetura do Recife, que mostra como a cidade se construiu e se destruiu, como mudou mais do que um coração infiel, para citar o famoso verso do poeta mais emblemático das tensões, pasmos e angústias da modernidade: Charles Baudelaire.

As cidades têm muitas vias. Uma delas é a do que está “em vias de desaparecer” ou “até mesmo desaparecendo ao longo das visitas de campo”. Desta e de outras informações, depreende-se um certo Recife e sua arquitetura como a *crônica de uma morte anunciada*.

Servindo de subsídios a gestores, um catálogo pode estimular o pensamento e a ação. Não se limitar à compreensão do que ocorreu no passado, mas também pensar o que pode ser o futuro.

A fotografia é a arte do alumbramento e do registro, como se pode constatar neste retrato em preto e branco do Recife.

Da sua origem até este catálogo, a pesquisa foi mais do que a anotação pachorrenta dos dados arquitetônicos.

Como será a história do futuro? Do Recife arquitetônico 1940-2040? Que seja melhor do que o de 1840-1940 não tem ilusão nenhum morador, visitante ou expectador inteligente, por mais otimista que seja. Mas se um recifense atípico lograr aprender boas lições das demolições do passado e do presente, cuidará talvez que o futuro não seja, no caso dos bons exemplares de sua arquitetura, aquela *morte absoluta* de que trata Manuel Bandeira. O mesmo Manuel Bandeira da “Evocação do Recife” e da casa do seu avô (preservada, depois de sofrer várias ameaças de morte), que “parecia impregnada de eternidade”. Se o tempo é a imagem móvel da imóvel eternidade, como queriam os santos de outrora (todos os santos são de outrora), no tempo e no espaço o futuro bem (h)aja. Do contrário, será aprender a lição às avessas, e trocar a vida pela morte, e saber, conformado, morrer, sem sequer as bênçãos da Nossa Senhora da Boa Morte. Com abandonar suas construções à própria sorte, uma cidade pode conseguir no plano coletivo o que o poeta observou para o individual:

“Morrer.
Morrer de corpo e de alma.
Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da carne,
A exangue máscara de cera,
Cercada de flores,
Que apodrecerão – felizes! – num dia,

Banhada de lágrimas
Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...
A caminho do céu?
Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,
A lembrança de uma sombra
Em nenhum coração, em nenhum pensamento,
Em nenhuma epiderme.

Morrer tão completamente
Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: 'Quem foi?...'

Morrer mais completamente ainda,
Sem deixar sequer esse nome."

Historicismos na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo

Rodrigo Cantarelli

No que tange às iniciativas de preservação de um patrimônio edificado, Pernambuco sempre exerceu um certo protagonismo no cenário nacional. Seja pela criação, ainda nos anos 1920, de uma Inspetoria de Monumentos, que buscou salvar da destruição monumentos históricos no estado, seja quando o Recife se tornou uma das primeiras cidades do país a implantar um projeto para recuperação dos seus sítios históricos, instituindo normas gerais de proteção a "sítios, conjuntos antigos, ruínas e edifícios isolados, cujas expressões arquitetônicas ou históricas tenham real significado para o patrimônio cultural da Cidade do Recife".[1] A criação dessas primeiras Zonas de Preservação da cidade, no entanto, não foi suficiente para contemplar, na legislação municipal, a riqueza e a diversidade do patrimônio arquitetônico recifense. Ficaram de fora dessas áreas protegidas edificações cuja preservação, num primeiro momento, não despertou qualquer interesse. Tampouco foram vistas como documentos materiais do processo de ocupação e desenvolvimento da cidade do Recife.

Pouquíssimo contemplada nessa seleção, a Arquitetura Eclética, fortemente caracterizada pela mistura dos mais diversos estilos arquitetônicos, se fez presente em Pernambuco a partir da segunda metade do século XIX, popularizando-se nas primeiras décadas do século XX, em especial, a partir da grande reforma urbana do Porto e do Bairro Recife,

[1] Ementa da lei municipal nº 13.957, de 26 de setembro de 1979.

Rodrigo Cantarelli é arquiteto. Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco. Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco; mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pertence ao Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural de Pernambuco. Autor de *Contra a conspiração da ignorância com a maldade:* a inspetoria de monumentos de Pernambuco.

iniciada em 1909. As principais razões do surgimento do Ecletismo, ainda no século XVIII, na Inglaterra, com a construção da *Strawberry Hill,* estão ligadas à busca de *status* da nova classe social surgida com a Revolução Industrial, bem como à nostalgia posta em voga pelo Romantismo. Na Europa, o movimento ganhou intensidade ao longo do século XIX, segundo Annateresa Fabris, período no qual a ideia dominante era a de que a arquitetura fosse representativa e que evidenciasse

> *"através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular. É por isso que a decoração se torna um elemento indispensável a ser usado em larga escala, que se multiplica a função ilusionista dos materiais, que o erudito e o pitoresco se mesclam.*[2]

O Ecletismo, de forma geral, foi caracterizado pela utilização livre e superposta de estilos do passado e, naquele momento, representava, na arquitetura, um novo estilo de vida associado à burguesia emergente. Usando das mais diversas fontes do passado, os arquitetos tinham livre arbítrio na mistura dessas referências para compor os edifícios, criando uma nova linguagem arquitetônica, onde estavam reunidas, sob uma só iconologia, todas as iconografias do passado.[3]

Ao mesmo tempo em que o Ecletismo se popularizava, outro movimento tomou força: a Arquitetura Historicista, ou Revivalista, que buscava recriar os mais diversos estilos arquitetônicos do passado, muito em função do avanço das técnicas arqueológicas, ocorrido ao longo do século XIX, que permitiu a realização de cópias idênticas dos edifícios antigos, fazendo com que todos os períodos da história da arquitetura pudessem ser revividos, tal qual eram no passado. O Revivalismo na arquitetura é um movimento, ou tendência, que busca resgatar em novas construções os elementos característicos abstraídos de obras antigas, sendo o gosto pessoal um grande determinante na escolha dessas referências de passado utilizadas. Segundo Giulio Carlo Argan e Luciano

[2] FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. In: *Anais do Museu Paulista,* Nova Série, Nº. 1, 1993, p. 134.

[3] CARVALHO, Maurício Rocha de. *Ecletismo arquitetônico na cultura pernambucana.* Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 1992, p. 17

Patetta,[4] o surgimento dos *Revivals* está diretamente relacionado ao crescimento do interesse pela história da arquitetura, à mudança na relação que se tinha entre o passado e o presente e a uma intenção de se criar um estilo nacional, independente de uma tradição clássica. Para Argan, os revivalismos são, ao mesmo tempo, tanto uma experiência no campo das artes quanto uma redescoberta romântica, evasão e tentativa de se apropriar da história, que se ilude sobre a passagem do tempo e se coloca à margem de transformações.

O gosto pessoal passou a ser o guia construtivo, já que todos os estilos históricos estavam liberados, inclusive os mais exóticos. Sem limite para a utilização desses referenciais históricos, surgiram criações Neogóticas, Neobarrocas, Neomouriscas, Neobizantinas, Neochinesas ou Neopersas, entre muitas outras. Diferenciando-se do Ecletismo, o Revivalismo buscava uma reprodução mais fiel dos modelos antigos, enquanto nos edifícios ecléticos a composição era completamente nova e fantasiosa. Os limites que diferenciam os dois movimentos são muito tênues e, por esse motivo, alguns autores consideram que os Revivalismos fazem parte do Ecletismo.

No continente americano, os Revivalismos chegaram ainda no século XIX, na mesma leva que popularizou o Ecletismo e o gosto *Beaux-Arts*, importando modelos e estilos europeus sem se preocupar, num primeiro momento, com as características da arquitetura local e, em muitas situações, substituindo os padrões construtivos tracionais dessas localidades. Uma substituição que teve início, no Recife, ainda no século XIX e foi coroada com a Reforma do Porto e do Bairro do Recife, no início do século passado. Os antigos arruamentos tortuosos e estreitos do bairro onde se originou a cidade cederam lugar às largas avenidas radiais, que, tendo como ponto de partida o Marco Zero, obedeciam aos moldes estéticos dos *boulevards* parisienses traçados pelo Barão Haussmann. A abertura da Avenida Central, da Avenida do Porto e o alargamento da Avenida Marquês de Olinda buscaram dar à capital pernambucana uma atmosfera típica da *Belle-époque*. A arquitetura do período colonial, de

[4] PATETTA, Luciano. "Los revivals en arquitectura". ARGAN, Giulio Carlo et alt. *El Passado em el Presente: el Revival en las Artes Plásticas, la Arquitetectura, el Cine y el Teatro*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977, pp. 129-163.

sobrados magros e esguios construídos em lotes profundos, foi substituída pela dos grandes edifícios ecléticos, como as sedes do *London & River Plate Bank*, da Companhia Aliança da Bahia ou da Associação Comercial, marcadas por influências historicistas europeias.

Código de acesso: JB_001108
Cartão Postal mostrando a Avenida Marquês de Olinda após a Reforma do Bairro do Recife Ramiro M. Costa & Filhos, sem data
Coleção Josebias Bandeira

Essa arquitetura de caráter historicista, no entanto, não se fez presente somente nas áreas centrais da cidade, mas também se popularizou pelos chamados Arrabaldes do Recife, as áreas de subúrbio, que cresciam e se expandiam ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A produção arquitetônica desse período foi, durante muito tempo, menosprezada pela crítica arquitetônica brasileira, colocando as produções ecléticas e revivalistas numa posição de ostracismo, hoje já superado. No entanto, essa superação não se deu sem antes ocorrer a perda de um sem número de exemplares significativos de um período relevante da produção arquitetônica no país, que, nos seus primeiros momentos, não contemplou, nas políticas de preservação de um patrimônio construído, as edificações ligadas a esse momento das cidades brasileiras.

No caso do Recife, as áreas de subúrbio foram, de certa forma, contempladas como Zonas de Preservação na legislação municipal de 1979, mas, como frisamos, esses recortes não representaram a riqueza e a diversidade da produção arquitetônica recifense, especialmente a produção residencial, mais vinculada ao Ecletismo e aos Revivalismos na arquitetura ocorridos no século XIX e início do XX. A produção desse período, em grande parte, ficou à mercê de um mercado que, também, não via valor nessas construções e elas começaram, sistematicamente, a desaparecer da paisagem da cidade. A destruição dessas edificações é um problema identificado ainda na década de 1980, sendo um dos principais motiva-

dores para a realização da pesquisa "O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)", realizada pela Fundação Joaquim Nabuco, Fundaj, e financiada através de uma parceria entre a Fundação e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq.

O objetivo desta pesquisa, coordenada pela arquiteta Edja Bezerra Faria Trigueiro, que contou com a consultoria de pesquisadores como José Luiz da Mota Menezes, era suprir uma lacuna historiográfica relativa ao cenário edificado existente na cidade desde o fim do período colonial, registrando edificações residenciais que marcaram o crescimento e a evolução do Recife ao longo de um século. Uma ameaça identificada pela pesquisadora a esse significativo acervo era o "acelerado processo de transformação, que vem apagando, do cenário e da memória, vestígios daquela evolução, substituídos por espigões murados e shopping centers".[5]

> *A casa de residência, parcela maior do cenário edificado de então e vítima preferencial da especulação e do descaso nos planos de preservação de hoje é o tipo construtivo que melhor revela aspectos sociais e materiais da existência urbana e da absorção de padrões culturais. Era construída, em grande maioria, sem a atuação de profissional erudito e, por isso, refletia o gosto e as possibilidades materiais do proprietário, além do grau de desenvolvimento das técnicas e da indústria.*[6]

A pesquisa, realizada entre os anos de 1985 e 1988, teve o recorte temporal dado em função de se entender que entre os anos de 1840 e 1940 foi o momento no qual o Recife rompeu com uma herança arquitetônica, de mais de trezentos anos, ligada à colonização portuguesa e passou a incorporar, nas suas edificações, elementos arquitetônicos e estilísticos vinculados a países europeus mais industrializados. O ano de 1840 foi escolhido como ponto inicial da pesquisa por ser considerado o marco da introdução de uma estética Neoclássica na cidade com a construção do Teatro de Santa Isabel, projetado pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier. Já 1940 foi tomado como marco temporal para o fechamento da pesquisa, porque foi o ano em que as inovações técnicas, formais e

[5] Relatório Final da Pesquisa, Introdução. 16 de março de 1988, sem paginação.

[6] Relatório Final da Pesquisa, Introdução. 16 de março de 1988, sem paginação.

funcionais que haviam tomado corpo na arquitetura europeia da década de 1920 começaram a alterar o perfil urbano do Recife, no entanto, sem considerar que os historicismos na arquitetura, especialmente o Estilo Missões[7], ainda se fizeram presentes nas novas construções e foram comuns, no cenário recifense até, pelo menos, meados da década seguinte.

Código de Acesso: MT_000004
Teatro de Santa Isabel
Manoel Tondella, 1900
Coleção Manoel Tondella

O Recife que se construiu nesse recorte temporal não era mais, apenas, ligado ao bairro portuário, aos bairros de Santo Antônio e São José e ao Núcleo Antigo da Boa Vista, mas sim um Recife que se espalhou e se adensou pelos arredores da Boa Vista e pelos arrabaldes localizados nas várzeas dos rios da capital pernambucana. A pesquisa, então, fundamentou-se no princípio de que a atual capital pernambucana se construiu a partir de um avanço sobre as águas, guiado pelos seus três principais rios, o Capibaribe, o Beberibe e o Tejipió, que são encorpados por uma série de afluentes, riachos, gamboas e canais, além de bancos de areia e manguezais. Os movimentos de ocupação do território recifense estão impressos de forma evidente na malha urbana atual e podem ser facilmente percebidos através das principais vias de penetração a partir da região central, os eixos de expansão da cidade, que acompanham as várzeas dos três principais rios, ligados entre si a partir de vias perimetrais.

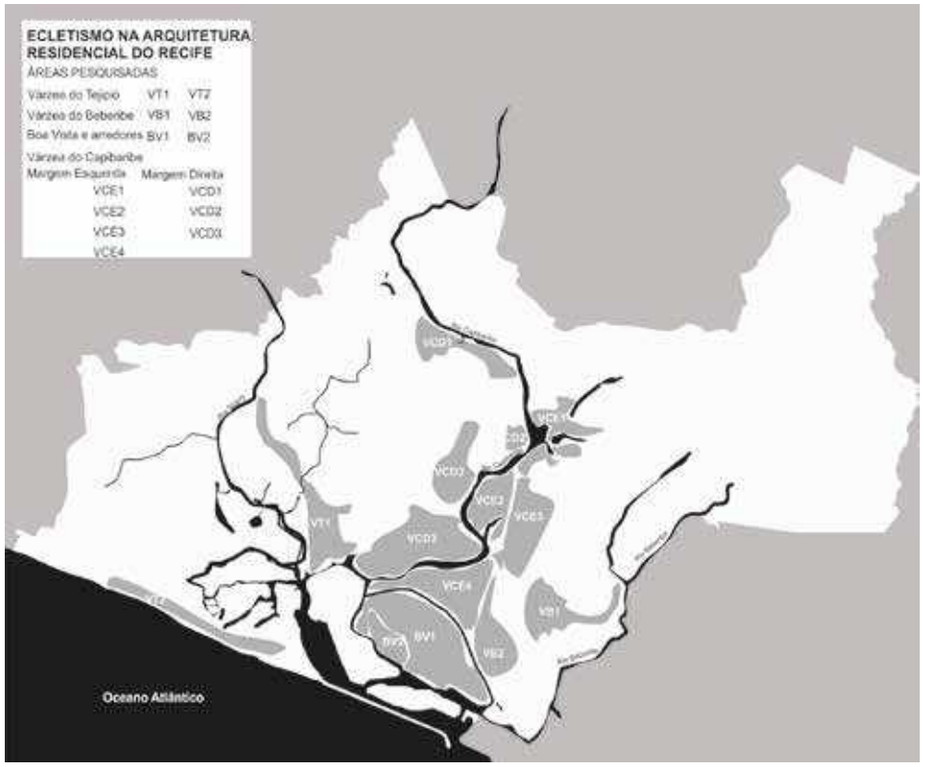
A pesquisa buscou contemplar a região da cidade que se expandiu a partir do século XIX. Os bairros do Recife, de Santo Antônio e de São

[7] Também conhecido como Missão Espanhola, esse Revivalismo surgiu no sudoeste dos Estados Unidos, no final do século XIX, nas localidades uma vez pertencentes ao México tais como Texas, Arizona e Califórnia, o *Mission Style,* na sua denominação original, era inspirado nas Missões Franciscanas construídas em finais do século XVIII e princípio do XIX naquela região e, ainda que introduzido no Brasil nas primeiras décadas do século XX, pelo arquiteto carioca Edgar Vianna, se popularizou no país a partir da década de 1930, especialmente através de livros e revistas especializadas, como também dos filmes hollywoodianos produzidos naquele momento.

José foram excluídos tanto em função de essas áreas serem historicamente mais bem documentadas, sendo objetos de estudo e ações de salvaguarda propostas pelo poder público, quanto em função de terem sido consideradas já quase que completamente ocupadas no período estudado, uma vez que foram consolidadas ainda durante o período colonial. Entendeu-se, naquele momento, que as transformações ocorridas no restante da cidade, nas áreas centrais, de forma geral, foram absorvidas apenas na linguagem formal das fachadas das edificações, sem absorver as variações e jogos volumétricos com maiores recuos que as novas construções nos arrabaldes da cidade possibilitaram. Cabe aqui destacar que o núcleo histórico da Boa Vista foi documentado, embora pudesse ter sido excluído por esse mesmo critérios, ao passo que a remodelação do Bairro do Recife, ocorrida no começo do século XX, não foi documentada, embora tenha sido um dos principais catalizadores na popularização das estéticas eclética e revivalista no Recife.

Cobrindo boa parte do território recifense, a área pesquisada foi dividida em quatro grandes regiões: a Boa Vista e Arredores, a Várzea do Beberibe, a Várzea do Capibaribe e a Várzea do Tejipió. Cada uma dessas áreas foi subdividida em outras treze sub-regiões, organizadas, especialmente, a partir de seus processos de ocupação.

> *A Boa Vista e seus arredores e as três várzeas principais, do Tejipió, do Capibaribe e do Beberibe com suas primitivas vias de penetração, que aparecem na planta de 1855 [de autoria de José Mamede Ferreira], concentram a malha urbana que se desenvolveu durante o período estudado.*[8]



Áreas Pesquisadas. Anexo 6 do Relatório Final da Pesquisa, 16 de março de 1988

[8] Relatório Final da Pesquisa, Abrangência. 16 de março de 1988, sem paginação.

A área da **Boa Vista e Arredores** compreendeu a grande ilha fluvial onde está localizado um dos últimos bairros centrais da cidade. Esta região foi subdividida em duas outras, sendo a primeira o **Núcleo Antigo da Boa Vista**, que compreende a parcela da área de ocupação mais antiga, reunida, especialmente no entorno do triângulo formado entre as ruas Velha, da Glória e da Santa Cruz, além das áreas de expansão, no século XIX, compreendidas pelas ruas da Imperatriz e Aurora, bem como os seus entornos. Já a segunda subdivisão da área, chamada **Arredores da Boa Vista**, diz respeito ao restante da ilha, abrangendo os bairros de Santo Amaro, Soledade e trechos do bairro do Paissandu e a trechos da própria Boa Vista. Essa região, de ocupação mais espaçada, permitiu a absorção dos novos modelos arquitetônicos tanto no nível de ornamentação das fachadas quando nos volumes e programas de necessidade das edificações, o que ocorreu de forma menos enfática no núcleo antigo.

Outra região estudada foi a **Várzea do Capibaribe**, que, em termos de abrangência espacial, foi a maior área da pesquisa, principalmente em função da sua ocupação mais antiga, fixada ainda no período da colonização, com um grande número de engenhos de açúcar funcionando nas margens do rio. Esta área abrange toda a extensão das terras do rio Capibaribe na capital e foi dividida entre as duas margens do rio, com um total de sete sub-regiões, seguindo critérios de evolução histórica e de concentração das edificações remanescentes do período estudado. A margem direita do rio, que compreende a área de ocupação mais a oeste da área central da cidade, foi subdividida em três: **Várzea do Capibaribe Margem Direita 1**, compreendendo os bairros da Várzea e Caxangá; **Várzea do Capibaribe Margem Direita 2**, compreendendo os bairros do Cordeiro, Barbalho e Iputinga; **Várzea do Capibaribe Margem Direita 3**, englobando os bairros da Madalena e Torre.

Já a margem esquerda, que está localizada mais ao norte do centro da cidade, foi subdividida em quatro: **Várzea do Capibaribe Margem Esquerda 1**, compreendendo os bairros do Monteiro, Apipucos e Dois Irmãos; **Várzea do Capibaribe Margem Esquerda 2**, compreendendo os bairros de Casa Forte, Poço da Panela e Santana; **Várzea do Capibaribe Margem Esquerda 3**, bairros de Casa Amarela, Parnamirim e Tamarineira; **Várzea do Capibaribe Margem Esquerda 4**, englo-

bando os bairros do Paissandu, Derby, Graças, Aflitos, Espinheiro, além das regiões conhecidas como Manguinhos e Ponte D'Uchoa.

Já a **Várzea do Beberibe**, embora com uma ocupação datada ainda dos primeiros séculos, não sofreu um processo de ocupação tão intenso quanto a do Capibaribe e foi considerada depositária de um menor número de edificações construídas no período estudado, sendo ocupada a partir de dois grandes eixos. O primeiro deles, chamado de **Várzea do Beberibe 1**, teve sua ocupação a partir de duas vias principais: a Estrada de Beberibe, hoje Avenida, e o caminho novo de Beberibe, hoje Estrada Velha de Água Fria; já o segundo, a **Várzea do Beberibe 2**, foi considerado como a faixa ocupada ao longo da Estrada de Belém, a partir do Largo da Encruzilhada em direção a Olinda.

Por fim, a **Várzea do Tejipió**, última área estudada, foi considerada a região mais ao sul do centro da cidade, que se expandiu ao longo das margens desse rio. A região também recebeu duas subdivisões: a primeira, **Várzea do Tejipió 1** englobando a antiga Estrada da Vitória, que partia do Largo da Paz, correndo entre os rios Tejipió e Jordão, em direção ao interior, passando pelos bairros de Afogados, Barro, Estância e Tejipió; e a segunda, chamada **Várzea do Tejipió 2**, considerada a faixa litorânea, entre o rio Jordão e o mar,

> *onde apenas havia sítios de coqueiros e a remota povoação de pescadores de Nossa Senhora da Boa Viagem, só foi ocupada mais densamente a partir da década de 1920, com a abertura da então avenida Beira Mar, hoje avenida Boa Viagem.* [9]

Esse trecho é aquele, de toda a região estudada, onde o processo de ocupação se deu mais recentemente, compreendendo os bairros de Boa Viagem e Pina, que, no momento da pesquisa, já apresentaram pouquíssimos exemplares datados do início do século XX, muito em razão do processo de verticalização acentuada da área iniciado anos antes.

As edificações registradas na pesquisa foram, então, estudadas e analisadas a partir de categorias como implantação, volumetria e composição estilística das fachadas, onde foram identificados três tipos distintos de implantação no lote dessas edificações, bem como seis tipos

[9] Relatório Final da Pesquisa, Abrangência. 16 de março de 1988, sem paginação.

diversos de volumetria, além de sete tipos principais de fachada que,

> *apresentando tendências básicas semelhantes quanto às fachadas, entretanto longe de esgotarem as variações encontradas, representam uma minoria dentro deste universo de linguagens estilísticas superpostas, amalgamadas, distorcidas e adaptadas e compõem um quadro extremamente eclético.*[10]

A linguagem formal das fachadas talvez seja um dos elementos de análise que melhor sejam caracterizadores das edificações, pois são aqueles mais facilmente perceptíveis, tanto para especialistas em história da arquitetura quanto para os leigos no assunto. Os sete grupos de composição estilística das fachadas identificados, num primeiro momento, situam as edificações recifenses numa trajetória maior da história da arquitetura produzida no país, e em especial na região, a partir de diversos critérios, tais como período de construção, influências estilísticas e composição arquitetônica. Essas categorizações, utilizadas, inclusive, pela Prefeitura do Recife para ampliar a seleção de imóveis protegidos na cidade, são os seguintes:

Colonial, embora se reconheça que não existe, propriamente, um "estilo colonial", esse termo foi utilizado para identificar a arquitetura produzida no período colonial, especialmente em fins do século XVIII, que se prolongou pelo século seguinte, sem grandes alterações;
Transição, usado para as edificações do grupo anterior, que foram atualizadas em sua feição estética com elementos, em sua maioria, vinculados ao gosto neoclássico que se popularizou a partir de 1840;
Neoclassicismo, relativo às edificações construídas entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, utilizando-se de uma linguagem neoclássica;
Romantismo fim de século, usado para as edificações construídas na virada do século XIX para o XX, em especial as encontradas nos subúrbios, isoladas em lotes maiores, e que são popularmente conhecidas como chalés;
Decorativismo anos 20, utilizado para classificar aquilo que en-

[10] Relatório Final da Pesquisa, Metodologia Aplicada. 16 de março de 1988, sem paginação.

tendemos, hoje, como a Arquitetura Eclética, propriamente dita, intensamente ornamentada e pejorativamente chamada de "bolo de noiva", que já se fazia presente na cidade desde o século XIX e que viveu seu apogeu a partir da reforma do Bairro do Recife, ocorrida na década de 1910;

Pitoresco, utilizado para classificar as edificações, em sua maioria construídas nas décadas de 1920 e 1930, quando a linguagem historicista na arquitetura desaparece e as referências utilizadas são as vernaculares de países do centro e do norte europeu; e, por fim,

Neocolonial, que, apesar de se tratar de um revivalismo que difere da produção eclética por diversas razões, foi categorizado na pesquisa, junto ao Estilo Missões, como "uma versão da arquitetura eclética", não sendo enquadrado junto a esta, possivelmente, pela fácil datação dessa produção, intensa na cidade, especialmente nos anos 1920 e 1930.

Pretendeu-se, num segundo momento da pesquisa, fazer a identificação dos exemplares mais significativos da cidade, elaborando o levantamento arquitetônico e uma pesquisa histórica mais aprofundada acerca dessas edificações, além de uma documentação fotográfica mais minuciosa. Entretanto, o pouco tempo, além dos parcos recursos humanos e financeiros, naquele momento, inviabilizaram a elaboração dessa segunda etapa. Outra questão levantada no decorrer da pesquisa foi em relação a uma datação mais precisa das edificações, vista como uma tarefa mais dispendiosa. A dificuldade, naquele momento, em se estabelecer o momento preciso de construção do acervo pesquisado foi um problema reconhecido no decorrer da pesquisa, e, embora houvesse um período de abrangência determinado, optou-se por uma flexibilização maior, com a intenção de registrar tudo aquilo considerado construído até o ano de 1940, no entanto reconhecendo-se que

alguns exemplares foram certamente esquecidos, mas confiamos que a documentação represente mais de 90% da totalidade existente na época, hoje já sensivelmente reduzida pelas inúmeras demolições que dilapidam diariamente o acervo.[11]

[11] Relatório Final da Pesquisa, Abrangência. 16 de março de 1988, sem paginação.

A pesquisa ainda levantou dados como a situação da edificação no lote, usos, estado de conservação, grau de descaracterização e características como o número de pavimentos e a presença de porão, sótão ou belvedere, destacando, nas fichas de identificação dos imóveis, construções que foram demolidas no decorrer da pesquisa. Tendo produzido uma riquíssima documentação textual, através da análise das edificações, a partir de critérios como implantação, volumetria e composição estilística das fachadas, a pesquisa, no entanto, talvez tenha tido como o seu principal produto a vasta documentação de uma produção arquitetônica característica do Recife que estava em VIAS de desaparecer, ou até mesmo desaparecendo ao longo das visitas de campo, como destacado na documentação produzida. Ao todo, foram registrados mil seiscentos e trinta e cinco imóveis residenciais, distribuídos por duzentas e quatorze ruas da cidade, em mil trezentos e sessenta negativos, hoje sob a guarda do Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade, o Cehibra, da Fundação Joaquim Nabuco. As fotografias da coleção foram produzidas entre março de 1985 e novembro de 1987 e, além das imagens de autoria da coordenadora da pesquisa, Edja Trigueiro, a coleção ainda conta com outras de autoria de Eliane Velozo, Rucker Vieira e Severino Ribeiro,[12] tendo sido incorporadas ampliações fotográficas, de autoria não identificada, que retratam a demolição de alguns dos exemplares arquitetônicos registrados no decorrer da pesquisa.

A demolição dessas edificações, como já destacado anteriormente, era um elemento presente no dia a dia dos pesquisadores, e o registro delas tinha como uma de suas motivações "sensibilizar e alertar profissionais e população para perdas irreversíveis e muitas vezes absurdas"[13] desses exemplares arquitetônicos. Era uma destruição que precisava, de certa forma, ser evitada. A prestação de contas da pesquisa "O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)" nos mostra que Edja Trigueiro ainda foi encarregada de elaborar uma proposta de proteção para a área de estudo em Casa Forte, um dos bairros mais contemplados no número de edificações registradas, no entanto este documento, se chegou a ser elaborado, não foi localizado na documentação

[12] Mais informações sobre esses fotógrafos podem ser encontradas ao final desta publicação.

[13] Relatório Final da Pesquisa, Introdução. 16 de março de 1988, sem paginação.

relativa ao projeto. De qualquer forma, no ano seguinte ao término da pesquisa, mudanças foram implementadas, pela Prefeitura do Recife, na legislação daquela região visando à preservação de alguns exemplares arquitetônicos identificados e documentados.

A região já possuía algumas Zonas de Preservação, implementadas em 1979 e regulamentadas no ano seguinte, como as de Apipucos e do Poço da Panela, no entanto, apesar da existência dessas áreas protegidas, uma parcela significativa do acervo edificado desse trecho da cidade estava fora delas e precisava ser protegido. Então, em 8 de março de 1989 foi promulgada a lei nº 15.199, que alterou o zoneamento dos bairros de Parnamirim, Santana, Casa Forte, Poço da Panela, Monteiro e Apipucos, sendo esta uma lei que emerge em função de diversas demandas da população da região, que via a necessidade de se preservar uma ambiência do bairro, assim como a necessidade de se ampliar o número de edificações protegidas, como estava apontado na pesquisa desenvolvida na Fundação Joaquim Nabuco.

Norma Lacerda historia o processo de constituição de um movimento popular, que ficou conhecido como *Amigos de Casa Forte*, que tinha por objetivo a preservação, naquela região, de valores paisagísticos, históricos e sociais.[14] O movimento, que buscava restringir as regras de uso e ocupação do solo na região, tem suas origens no anúncio dos planos de construção de um edifício de dezessete andares nos limites da zona de preservação do Poço da Panela, o Edifício Morada Real do Poço, localizado na rua Luiz Guimarães, número 183. Segundo a autora, o edifício passou "a ser visto como um símbolo construído em homenagem à glória da promoção imobiliária, um símbolo, para os moradores da área, da profanação do espaço sagrado".[15] Então, em abril de 1986, o movimento *Amigos de Casa Forte* solicita à Prefeitura do Recife uma revisão na lei de uso e ocupação do solo, vigente desde 1983, para tentar barrar o surgimento daquele e de novos arranha-céus no bairro. Ainda segundo Norma Lacerda,

[14] LACERDA, Norma, [et. Al.]. *Lei dos 12 bairros: Contribuição para o debate sobre a produção do espaço urbano do Recife*. Recife: Cepe, 2018.

[15] LACERDA, Norma, [et. Al.]. *Lei dos 12 bairros: Contribuição para o debate sobre a produção*

Dois sistemas de força se enfrentaram. De um lado, uma comunidade constituída por uma classe média numerosa, consciente e organizada, contando com o apoio (i) do mundo intelectual e político local; (ii) dos segmentos pobres da população (para quem a verticalização representava um perigo); (iii) da imprensa, com sua tradicional tendência populista; (iv) dos partidos políticos de esquerda e das associações profissionais, com seus comportamentos tendentes ao agitacionismo e, finalmente, (v) da Igreja Católica, a partir de seus militantes comprometidos com o bem-estar da comunidade. Todas estas forças lutavam pelo preparo de uma lei de uso do solo dotada de força suficiente para a preservação daquilo que a comunidade possuía de mais precioso. De outro lado, atuavam os interesses das empresas imobiliárias, com sua capacidade vasta e polimórfica de influir, aliciar e exercer pressão.[16]

A construção do edifício Morada Real do Poço foi anunciada ainda durante a primeira gestão de Jarbas Vasconcelos na Prefeitura do Recife, entre 1986 e 1988, e durante esse tempo o movimento *Amigos de Casa Forte* não conseguiu concretizar as suas demandas. O processo durou alguns anos, por coincidência, os mesmos de desenvolvimento da pesquisa "O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)", e somente com a troca de comando no executivo municipal e uma renovação na Câmara de Vereadores a população teve o seu pleito atendido: em 8 de março de 1989 foi promulgada a lei nº 15.199. No entanto, não a tempo de impedir a alteração da escala urbana da região, com a construção de alguns arranha-céus, como o próprio Morada Real do Poço, finalizado em 1992, ou o Edifício Baraúna, com dezoito pavimentos, localizado na Avenida 17 de Agosto, número 1820, concluído em 1990, às custas da demolição de uma edificação documentada pela pesquisa realizada pela Fundaj e que havia sido indicada na pré-seleção, presente na lei nº 15.199, para ser preservada.

Código de acesso:
ECL_003_000024
Casa térrea, hoje demolida, localizada na Avenida 17 de Agosto, nº 1820, Casa Forte
Edja Trigueiro, março de 1985

do espaço urbano do Recife. Recife: Cepe, 2018, p. 61.

[16] LACERDA, Norma. A produção social dos interesses fundiários e imobiliários - o caso de Recife. *Caderno CRH,* 9, n. 24, jan./dez. 1996, p. 31.

Tal legislação não apenas alterou os parâmetros construtivos da região, como também criou uma Zona de Preservação no bairro do Monteiro, e proibiu durante noventa dias, a alteração ou demolição de uma série de imóveis, identificados como de Arquitetura Eclética, listados em um dos anexos da legislação. É nesses anexos que encontramos um fruto direto da pesquisa de Edja Trigueiro, quando vemos que a listagem das edificações publicadas no *Diário Oficial do Recife*, no dia 8 de março de 1989, é uma reprodução direta das fichas usadas na documentação da Arquitetura Eclética do Recife, que se encontram no acervo do Centro de Documentação do Cehibra. A seleção final dos imóveis preservados foi publicada, em 21 de julho de 1989, no decreto nº 14.745, que apresentou uma listagem contendo quarenta e uma edificações. Dessa seleção, no entanto, estava excluído o número 1820, que possivelmente já havia sido demolido para a construção do Edifício Baraúna.

Código de acesso: ECL_AMP_001394
Construção do Edifício Baraúna, Avenida 17 de Agosto, nº 1820, Casa Forte
Fotógrafo não identificado, [1990]

Não foi somente esta a contribuição da pesquisa para o melhoramento das políticas municipais de preservação de um patrimônio edificado. Nilson Pereira afirma que, em 1994, o poder público municipal reconheceu a necessidade de ampliar a quantidade de imóveis protegidos na cidade, a exemplo do que já havia sido feito em Casa Forte e no Poço da Panela em 1989. Então, os mesmos procedimentos determinados por Edja Trigueiro, na seleção dos quarenta e um imóveis em Casa Forte e no Poço da Panela, foram novamente utilizados, quando foram catalogados os primeiros Imóveis Especiais de Preservação na cidade do Recife. Um argumento para isso, segundo Nilson Pereira, foi que

> *A pesquisa desenvolvida por Trigueiro estuda a arquitetura residencial pré-modernista no Recife, ou seja, a produção da arquitetura doméstica, posterior à produção colonial e anterior à modernista, construída a partir de meados do século XIX até meados do século XX, constituindo-se no principal documento de referência para identificação dos imóveis com recomendação para preservação instituída pelo município.*[17]

[17] PEREIRA, José Nilson de Andrade. *Renovar preservando: os Imóveis Especial de*

Além de a pesquisa ter-se constituído como referência incontornável na identificação dos imóveis construídos ligados a uma tradição arquitetônica historicista, o trabalho acabou por categorizar essas edificações, segundo suas referências estilísticas, já citadas anteriormente, em categorias que até hoje são utilizadas na classificação de imóveis pelo poder público municipal. Edja Trigueiro defendeu que a pesquisa era uma contribuição "para a compreensão da moradia nordestina como um todo", esperando que ela

> *tenha sido um primeiro e importante passo para a preservação e o estudo sistemático da formação e evolução do cenário urbano do Recife enquanto constituído predominantemente pela arquitetura quase sempre anônima das casas de morar.*[18]

A documentação resultante da pesquisa, que retrata essa arquitetura, quase sempre anônima, das residências recifenses, é uma rica fonte de pesquisa para aqueles que buscarem se aventurar a conhecer melhor e tentar compreender a tradição arquitetônica historicista da cidade. Além disso, a coleção retrata um acervo arquitetônico que mostra o resultado de um deslocamento habitacional da população recifense para as áreas de subúrbio, ocorrido ao longo de um século, onde podemos observar a opulência das edificações construídas, por exemplo, na margem do Rio Capibaribe, como as localizadas na antiga Passagem da Madalena, na Ponte D'Uchoa e no Poço da Panela. Mas não só essas residências da aristocracia estão retratadas nesses negativos, uma classe média em expansão, bem como os membros mais empobrecidos dessa sociedade se fazem presentes com suas residências menos suntuosas, mais singelas, porém igualmente importantes como documentos da popularização de um gosto historicista na arquitetura e da evolução urbana da capital pernambucana.

Preservação no Recife. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, 2009, p. 119.

[18] Relatório Final da Pesquisa, Classificação dos Exemplares. 16 de março de 1988, sem paginação.

Referências

CARVALHO, Maurício Rocha de. *Ecletismo arquitetônico na cultura pernambucana*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 1992.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. In: *Anais do Museu Paulista*, Nova Série, Nº. 1, 1993. p.131-143.

LACERDA, Norma. A produção social dos interesses fundiários e imobiliários – o caso de Recife. *Caderno CRH*, 9, n. 24, jan./dez. 1996.

_____, [et. Al.]. *Lei dos 12 bairros: Contribuição para o debate sobre a produção do espaço urbano do Recife*. Recife: Cepe, 2018.

PATETTA, Luciano. "Los revivals en arquitectura". ARGAN, Giulio Carlo et alt. *El Pasado en el Presente: el Revival en las Artes Plásticas, la Arquitectura, el Cine y el Teatro*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977, pp. 129-163.

PEREIRA, José Nilson de Andrade. *Renovar preservando: os Imóveis Especial de Preservação no Recife*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, 2009

TRIGUEIRO, Edja Bezerra Faria. *Oh de fora! Um estudo sobre a arquitetura residencial pré-modernista do Recife, enquanto elemento básico de ocupação do cenário urbano*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: UFPE, 1989.

O NÚCLEO ANTIGO DA BOA VISTA

O Núcleo Antigo da Boa Vista tem suas origens ainda no século XVII, quando começaram os primeiros arruamentos dispersos por aquela região. O lugar foi se desenvolvendo e se consolidando a partir de uma área hoje compreendida pelo triângulo formado entre as ruas Velha, da Glória e da Santa Cruz, de onde novos arruamentos foram surgindo. No século XIX, esse núcleo antigo se expandiu, ocupando novas faixas de terra, consolidando bairros como Soledade e Santo Amaro, bem como a partir de aterros no rio Capibaribe, tanto na direção sul, para a região dos Coelhos, quanto para o norte, dando origem a ruas famosas como a da Imperatriz e da Aurora.

Código de acesso:
ECL_093_000919
Sobrado localizado na Rua Velha, nº 403, junto ao Largo da Santa Cruz, Boa Vista, construído ainda no período colonial que recebeu uma ornamentação de gosto neoclássico ao longo do século XIX
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_090_000884
Conjuntos de casas térreas na Rua da Santa Cruz, Boa Vista, mostrando parte do conjunto de imóveis azulejados da via
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_134_001326
Conjunto de sobrados e casas térreas localizados na Rua da Glória, nas proximidades com a Rua Velha, Boa Vista
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_091_000900
Sobrado e casa térrea azulejada, localizados na Rua Velha, nº 180 e 186, Boa Vista
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_111_001101
Conjunto, hoje demolido, de casas térreas, as centrais de gosto neoclássico, localizado na Rua dos Prazeres, nº 145 e 147, Coelhos
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_077_000754
Sobrado revestido com azulejos portugueses de influência holandesa datados do século XIX e localizado na Rua da Aurora, nº 457, Boa Vista, antes de ter seus azulejos removidos e de ser transformado, pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, a Fundarpe, no Teatro Arraial
Edja Trigueiro, junho de 1986

Consolidado ainda no período colonial, o Núcleo Antigo da Boa Vista guarda muitas características desse momento da cidade, como construções geminadas, próximas da rua, que, ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século passado foram recebendo as novas comodidades e sendo "atualizadas" para o gosto estilístico vigente no momento, sendo ele, majoritariamente, neoclássico ou eclético. Essa diversidade de elementos historicistas se faz presente em praticamente todas as regiões do bairro.

Código de acesso:
ECL_089_000883
Conjuntos de edifícios na Rua da Santa Cruz, nº 190 e 198, Boa Vista
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_112_001107
Casas térreas na Rua dos Prazeres,
nº 228, 236 e 238, Coelhos
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_093_000915
Casas térreas na Rua Leão
Coroado, nº 45 e 53, Boa Vista
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_134_001322
Conjunto de edificações na Rua da Matriz, Boa Vista, onde percebemos diversos elementos ornamentais ecléticos e neoclássicos
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_091_000901
Casas térreas na Rua Velha, nº
221 e 223, Boa Vista
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_091_000898
Em primeiro plano, casas térreas com uma ornamentação eclética, tendo ao fundo edificações ainda de gosto neoclássico, localizadas na Rua da Glória
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_135_001336
Edifício eclético localizado na Rua Velha, nº 14, na esquina com o Cais José Mariano, Boa Vista, onde funcionou a Escola Maurício de Nassau
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_057_000563
Sobrados com ornamentação eclética localizados na Rua da Imperatriz, Boa Vista
Edja Trigueiro, abril de 1986

A área dos arredores da Boa Vista, ao longo do século XIX, ainda apresentava uma ocupação muito espaçada. Nessa região, percebemos tanto a presença de edificações que em muito se assemelham às do núcleo antigo do bairro, feitas sem recuos e com uma linguagem ornamental que em muito nos remete ao fim do período colonial e ao século XIX, como de novas construções, já incorporando as modificações pelas quais passou a arquitetura brasileira durante aquele período.

Código de acesso:
ECL_138_001362
Casa térrea e sobrados de gosto neoclássico, localizados na Avenida Oliveira Lima, nº 931, 935 e 955, Soledade
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_139_001372
Conjunto de casas térreas localizado na Rua do Sossego, em Santo Amaro, hoje já bastante alterado, tendo restado poucos exemplares preservados, sendo um deles a casa onde viveu o artista Abelardo da Hora, a de nº 307
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_108_001071
Sobrado com ornamentação de gosto neoclássico, hoje descaracterizado, localizado na Rua das Ninfas, nº 146, na esquina com a Avenida Manoel Borba, Soledade
Edja Trigueiro, julho de 1986

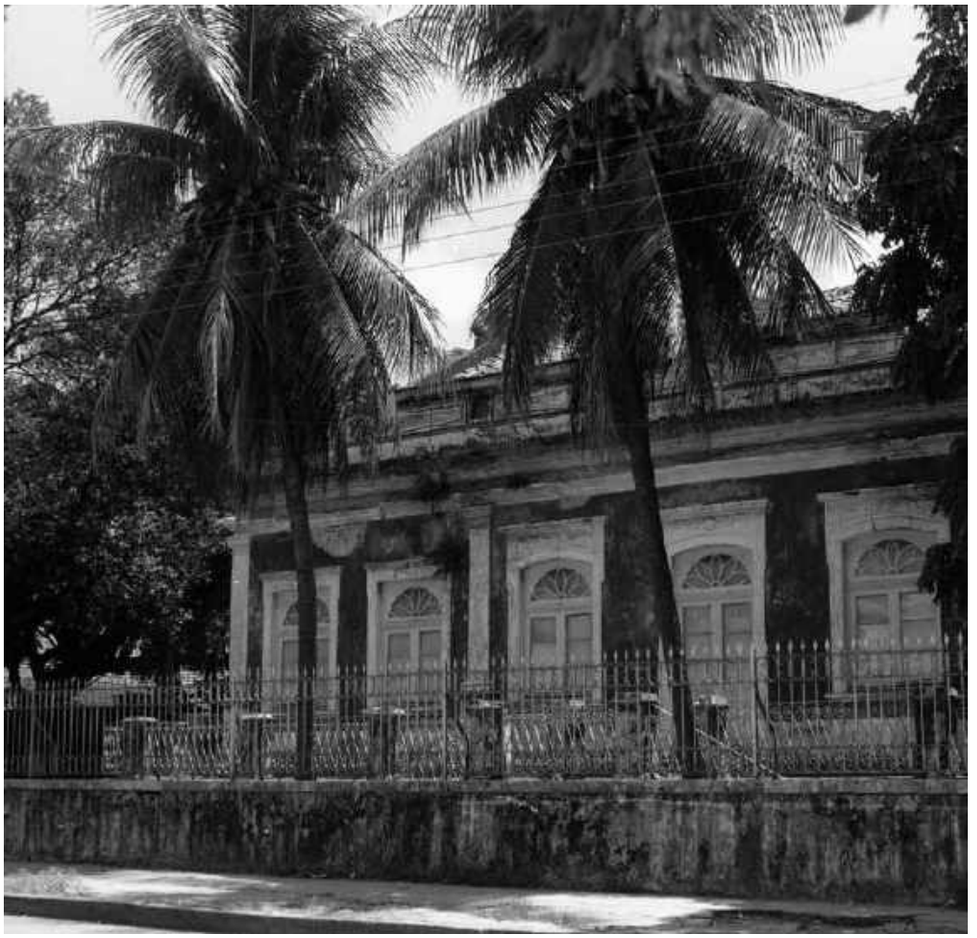
Código de acesso:
ECL_139_001380
Conjunto de casas térreas na Rua Gervásio Pires, entre as ruas do Riachuelo e do Príncipe, na Boa Vista, hoje já bastante descaracterizado
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_094_000933
Sobrado localizado na Rua Capitão Lima, nº 158, Santo Amaro
Edja Trigueiro, junho de 1986

O Solar do Pombal, antiga residência de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, o primeiro barão e Visconde de Suassuna, é um marco na avenida do bairro de Santo Amaro que recebeu seu nome em homenagem ao Visconde. A edificação, uma construção setecentista, foi reformada em 1853 a fim de ser modernizada ao gosto neoclássico que se popularizava em Pernambuco a partir da construção do Teatro de Santa Isabel. O Solar, que é um grande exemplo da estética Neoclássica no estado, foi uma das primeiras construções ligadas a ela, e possui, em seu volume central, encimado por um frontão com o brasão da família, um tratamento bastante refinado para a época, com portas e janelas em arco pleno, e diversos elementos ornamentais, tais como frisos, gregas e acrotérios.

Código de acesso:
ECL_137_001358
Solar do Pombal, localizado na Avenida Visconde de Suassuna, nº 393, Santo Amaro
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_130_001286
Casa de gosto neoclássico localizada na Rua Bispo Cardoso Ayres, nº 145, na esquina com a Rua do Príncipe, em Santo Amaro, antes da sua demolição
Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:
ECL_AMP_001395
Casa de gosto neoclássico localizada na Rua Bispo Cardoso Ayres, nº 145, na esquina com a Rua do Príncipe, em Santo Amaro, durante a sua demolição
Autor não identificado, entre 1987 e 1992

Código de acesso:
ECL_137_001355 e
ECL_137_001356
Trecho de um conjunto
significativo de casas térreas, de
gosto neoclássico, revestidas por
azulejos de origem portuguesa,
localizado na Rua do Paissandu,
hoje demolido
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_040_000395
Sobrado revestido por azulejos franceses, hoje demolido, junto a uma casa térrea, localizados na Rua do Príncipe, nº 752 e 742, Santo Amaro
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:
ECL_075_000737
Casa de gosto neoclássico, com aspecto de sítio e revestida por azulejos franceses de padrão exclusivo no estado, hoje removidos, localizada na Rua João Fernandes Vieira, nº 130, na Soledade
Edja Trigueiro, junho de 1986

Já no último quartel do século XIX, com a popularização de outros gostos historicistas em Pernambuco, edificações, que outrora apresentaram elementos neoclássicos, agora passam a sobrepor uma série de outros ornamentos com as mais diversas referências.

Código de acesso:
ECL_129_001280
Sobrado localizado na Avenida João de Barros, nº 561, Boa Vista, que hoje teve boa parte dos seus elementos ornamentais removidos
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_139_001375
Sobrados, hoje demolidos,
localizados na Rua do Riachuelo,
nº 403 e 413, Boa Vista
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_024_000237
Sobrado localizado na Rua do
Príncipe, nº 280, Santo Amaro
Rucker Vieira, novembro de 1985

A residência de subúrbio, hoje demolida, localizada na Rua Dom Bosco, nº 1299, Boa Vista, aparentemente, foi construída ainda no século XIX, sendo reformada e acrescida, posteriormente, de uma ornamentação de caráter Revivalista Neogótico. Encontramos nessa edificação uma rica profusão de elementos típicos da Arquitetura Gótica, tais como portas e janelas com arcos ogivais, flechas, uma platibanda recortada por ogivas no volume central e outra com ameias na varanda, esta ainda apresentando arcos canopiais, característicos do Gótico Flamejante e do Manuelino.

Nos arredores da Boa Vista ainda são encontrados os mais diversos tipos de residências ecléticas, sejam elas edifícios simples, mais antigos, sem recuos, atualizados para o novo gosto arquitetônico em voga, sejam novas construções, à semelhança de palacetes, para servir de morada a uma nova camada social emergente.

Código de acesso:
ECL_124_001227
Residência, hoje demolida, localizada na Rua Dom Bosco, nº 1299, Boa Vista
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_040_000393
Casa térrea, hoje demolida, localizada na Rua do Príncipe, nº 682, Santo Amaro
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:
ECL_095_000937
Casas térreas com ornamentação eclética localizadas na Rua Doutor Silva Ferreira, nº 43 e 49, Santo Amaro, hoje demolidas
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_095_000943
Casas térreas com ornamentação eclética localizadas na Rua do Veiga, nº 203, 211 e 213, Santo Amaro, esta última, demolida
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_094_000926
Casas ecléticas conjugadas, localizadas na Rua Capitão Lima, nº 307 e 321, Santo Amaro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_138_001365
Residência com ornamentação
eclética localizada na Rua do
Riachuelo, nº 699, Boa Vista
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_074_000724
Casa eclética que fazia parte de
um conjunto de edificações, hoje
praticamente desaparecido, com
pouca variação na ornamentação,
construído, possivelmente, como
forma de investimento, localizada
na Avenida Montevidéu,
nº 114, Boa Vista
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_079_000774
Residência eclética localizada na
Rua do Hospício, nº 619,
Santo Amaro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_075_000738
Residência eclética, hoje em ruínas, localizada na Rua João Fernandes Vieira, nº 111, Soledade
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_075_000735
Residência eclética localizada na Rua João Fernandes Vieira, nº 308, Soledade
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_093_000923
Gradil e residência eclética ao fundo localizados na Rua Gervásio Pires, nº 382, Boa Vista
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_106_001048
Palacete eclético localizado na Avenida Manoel Borba, nº 292, Boa Vista
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_123_001218
Palacete eclético, construído na década de 1920, com particularidades em relação aos demais exemplares encontrados na cidade, a exemplo de volumes distintos articulados entre si, porão alto habitável e um jardim com coreto, localizado na Rua Dom Bosco, nº 779, Boa Vista. Neste edifício funcionou, durante alguns anos, o Centro Josué de Castro
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_124_001228
Palacete eclético projetado pelo arquiteto Giácomo Palumbo, localizado na Rua Dom Bosco, nº 1216, Boa Vista
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_123_001214
Palacete eclético, com destaque para o torreão da construção, remetendo à Arquitetura Pitoresca, localizado em frente à Praça Chora Menino, na Rua do Paissandu, nº 189, Paissandu
Eliane Velozo, abril de 1987

O que se convencionou chamar de Arquitetura Pitoresca tem como referência a arquitetura vernácula de regiões centrais e norte-europeias, sendo contemporâneo, em Pernambuco de outras manifestações do começo do século XX, como o Ecletismo. No Recife, ela é mais comumente encontrada nos novos bairros, que se expandiram a partir do início do século XX, sendo mais raras na região central da cidade, no entanto a casa pitoresca localizada na Rua José de Alencar, nº 367, na Boa Vista, é talvez um dos melhores exemplares. Apresentando diversos elementos comuns ao estilo, como revestimento em pedra, telhado piramidal, estuque imitando estruturas do tipo enxaimel ou mãos-francesas de madeira, essa residência ainda é caracterizada por um terraço semicircular, apoiado em colunas e coberto com telhas imitando um revestimento de ardósia.

Código de acesso:
ECL_136_001350
Casa pitoresca na Rua José de Alencar, nº 367, Boa Vista
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_023_000221
Casa pitoresca localizada na Avenida Visconde de Suassuna, nº 871, Santo Amaro
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:
ECL_108_001072
Casas pitorescas geminadas, localizadas na Rua das Ninfas, nº 112 e 84, Soledade
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_124_001225
Casas pitorescas geminadas, localizadas na Rua Artur Orlando, nº 129 e 127, Boa Vista
Eliane Velozo, abril de 1987

Os Chalés Românticos, que têm sua origem nas áreas campestres europeias e que conjugam diversos elementos ornamentais, não foram comuns na área central da cidade e, hoje, praticamente todos os seus exemplares, ali localizados, foram demolidos.

Código de acesso:
ECL_040_000394
Chalé, hoje demolido,
localizado na Rua do Príncipe,
nº. 667, Soledade
Rucker Vieira, novembro
de 1985

Código de acesso:
ECL_075_000734
Chalé, hoje demolido, localizado
na Rua Joaquim Felipe,
nº 260, Boa Vista
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_078_000769
Casa localizada na Rua do Hospício, nº 751, Santo Amaro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Revivalismos como o Neocolonial e o Estilo Missões também são encontrados na região central do Recife, sendo, talvez, uma das primeiras edificações dessa área a mostrar elementos ligados a esses movimentos a localizada em frente ao Parque 13 de maio, na Rua do Hospício, nº 751, em Santo Amaro. A antiga residência de José Rufino Bezerra Cavalcanti Filho, possivelmente, era uma construção eclética que foi reformada, entre 1923 e 1926, sendo a ela incorporados mais um pavimento e elementos ornamentais ligados ao Neocolonial. Nessa edificação convivem, de forma harmoniosa, elementos ligados a esses dois historicismos, no entanto, aproximando-se mais de uma feição Neocolonial, graças a elementos como os beirais de telha, as telhas do tipo rabo de andorinha, os painéis e bancos de azulejos e as colunas torsas.

Código de acesso:
ECL_040_000398
Casa Neocolonial onde viveu o engenheiro José Estelita, localizada na Avenida João de Barros, nº 236, Santo Amaro
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:
ECL_040_000396
Casa Neocolonial, já demolida, localizada na Avenida João de Barros, nº 96, Santo Amaro
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:
ECL_082_000805
Casa Neocolonial localizada na Rua Gouveia de Barros, nº 73, Santo Amaro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_095_000940
Casa Neocolonial localizada na Rua Doutor Silva Ferreira, nº 164, Santo Amaro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_106_001052
Sobrado, possivelmente datado do século XIX e reformado posteriormente no Estilo Missões, localizado na Avenida Manoel Borba, nº 487, Boa Vista
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_125_001235
Casa em Estilo Missões, hoje ocupada pelo Consulado dos Estados Unidos, localizada na Rua Gonçalves Maia, nº 163, Boa Vista
Eliane Velozo, abril de 1987

A VÁRZEA DO BEBERIBE

Localizada na parte mais ao norte do Recife, na região fronteiriça à cidade de Olinda, a Várzea do Beberibe foi ocupada já nos princípios da colonização, sendo, no século XVII, uma área de exploração de madeira para o fabrico de carvão vegetal. Esta produção era embarcada em balsas, num pequeno porto fluvial, e descia o rio em direção ao porto principal, dando a origem do nome do atual bairro do Porto da Madeira. Essa foi a principal forma de comunicação dessa área com a região central cidade até princípios do século XIX, quando foi aberta a Estrada do Beberibe, atual Avenida, que conectou a região ao largo da Encruzilhada. Esse é um caminho que corta diversas áreas de ocupação tradicional da cidade, como o Arruda, que apesar de deter construções com características ainda do período colonial e do século XIX, teve o seu surto de desenvolvimento no início do século XX com a chegada das Maxambombas. O novo meio de transporte impulsionou o crescimento da área, na antiga Estrada Nova, hoje chamada de Estrada Velha de Água Fria, e nas proximidades do atual estádio do Santa Cruz Futebol Clube.

Código de acesso:
ECL_013_000121
Casa térrea, localizada na Rua Ramiz Galvão, n.º 108, Arruda, com elementos, como o beiral de telhas, que remetem ao fim do período colonial
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_015_000141
Casa neoclássica, hoje demolida, localizada na Avenida Beberibe, n.º 2495, Fundão
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_016_000155:
Edifício comercial de gosto neoclássico, já demolido, datado de 1914, localizado na Avenida Beberibe, n.º 1399, Arruda
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_072_000711
Casa neoclássica localizada na Rua Zeferino Agra, n.º 661, Água Fria, com uma grega na platibanda. Esse tipo desenho, hoje, bastante raro, é encontrado também no edifício do Ginásio Pernambucano, projetado pelo engenheiro José Mamede Alves Ferreira, em 1855
Edja Trigueiro, junho de 1986

Apesar de ser uma região ocupada ainda durante o período colonial, o grosso das construções identificadas ao longo da Estrada do Beberibe são datadas do final do século XIX e princípio do XX. Tais edificações, em sua maioria com filiações às estéticas Eclética e Romântica, apresentam diversos padrões, sejam construídas nos limites dos lotes, sejam recuadas, contando ainda com uma diversidade de elementos historicistas na sua ornamentação.

Código de acesso:
ECL_014_000139
Casa eclética localizada na Avenida Beberibe, n.º 2370, Água Fria. A construção ao lado, de n.º 2360, é exatamente igual.
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_013_000122
Casa eclética localizada na Rua Ramiz Galvão, n.º 185, Arruda
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_017_000161
Casa eclética localizada na Avenida Beberibe, n.º 1651, Água Fria
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_015_000142
Casa térrea eclética, construída sem recuos, com elementos Neogóticos localizada na Avenida Beberibe, n.º 2672, Fundão
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_016_000152
Casa térrea eclética, construída sem recuos, com elementos Neogóticos localizada na Avenida Beberibe, n.º 1315, Arruda
Severino Ribeiro, abril de 1985

As edificações localizadas na Várzea do Beberibe, em muitas poucas situações foram valorizadas pelos seus atributos arquitetônicos sendo alvo de políticas de preservação. Tal atitude, ao longo dos últimos anos, acarretou a destruição ou a perda de elementos característicos de um acervo arquitetônico representativo do processo de ocupação e crescimento dessa parcela da cidade do Recife.

Código de acesso:
ECL_012_000118
Conjunto de edifícios comerciais, hoje já bastante descaracterizado, localizado na Avenida Beberibe, Arruda, na esquina com a Rua José Austregésilo
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_012_000119
Casa eclética, já demolida,
localizada na Rua Ramiz Galvão,
n.º 51, Arruda
Severino Ribeiro., abril de 1985

Código de acesso:
ECL_016_000158
Edifício comercial eclético, já
demolido, localizado na Avenida
Beberibe, n.º 1733, Água Fria
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_071_000703
Casa eclética, já demolida,
localizada na Rua José
Austregésilo, n.º 119, Arruda
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_015_000148
Casa eclética, já demolida,
localizada Avenida Beberibe, n.º
3750, Porto da Madeira
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_018_000171
Casa eclética, já demolida, localizada na Rua do Machado, n.º 861, Arruda
Severino Ribeiro, abril de 1985

Como uma região já consolidada no início do século, na Várzea do Beberibe foram identificados durante a pesquisa uma grande quantidade de Chalés Românticos, sejam de composição mais erudita ou popular, inclusive um raro exemplar com dois pavimentos e uma volumetria cilíndrica de secção poligonal. Hoje quase todas essas edificações se encontram demolidas.

Código de acesso:
ECL_041_000399:
Única edificação Neocolonial identificada pela pesquisa na área da antiga Estrada do Beberibe, esta casa, já demolida, localizava-se na Avenida Beberibe, n.º 1285, Arruda
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_015_000146:
Villa Felicitas, Chalé, datado de 1912, localizado na Avenida Beberibe, n.º 3586,
Porto da Madeira
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_015_000150
Chalé, hoje demolido, localizado na Avenida Beberibe, n.º 4172,
Beberibe
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_012_000120
Chalé localizado na Rua Ramiz
Galvão, n.º 115, Arruda.
Severino Ribeiro, abril de 1985.

Código de acesso:
ECL_072_000706
Chalé, hoje demolido, localizado
na Rua Zeferino Agra n.º 488,
Arruda.
Edja Trigueiro, junho de 1986.

Código de acesso:
ECL_072_000710
Chalé, hoje demolido, localizado
na Rua Intendência,
n.º 77, Arruda
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_073_000721
Raro exemplar de Chalé, hoje demolido, com dois pavimentos e uma volumetria cilíndrica de secção poligonal localizado na Avenida Beberibe, n.º 4131, Beberibe
Edja Trigueiro, junho de 1986

Da Várzea do Beberibe ainda faz parte uma outra região que se desenvolveu a partir de um antigo caminho na direção de Olinda, ao longo da Estrada de Belém. Tal caminho se iniciava no Largo da Encruzilhada, que recebeu esse nome em razão do cruzamento das linhas férreas em direção a Olinda e ao Beberibe, e dele fazem parte os atuais bairros da Encruzilhada, Hipódromo e Campo Grande.

Código de acesso:
ECL_020_000198
Casa eclética localizada na
Estrada de Belém, n.º 1524,
Campo Grande
Rucker Vieira, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_018_000172
Casas ecléticas com traços
neoclássicos localizadas na
Estrada de Belém, n.º 129 e 139,
Encruzilhada
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de Acesso:
ECL_073_000714
Casa eclética, hoje demolida,
localizada na Estrada de Belém,
n.º 444, Encruzilhada
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_020_000192
Casas térreas de gosto
neoclássico, hoje demolidas,
localizadas na Estrada de Belém,
n.º 731 e 735, Hipódromo
Rucker Vieira, abril de 1985

O encontro da Estrada de Belém com a Rua Vicente Pinzón, na Encruzilhada, à época da pesquisa, mantinha preservado um conjunto interessante de casas ecléticas e um chalé, esse de feição mais popular. Tal conjunto de edificações, possivelmente datado da virada do século XIX para o XX, hoje, se encontra bastante modificado e poucas dessas edificações se mantêm preservadas.

Código de acesso:
ECL_073_000717
Conjunto de casas ecléticas
localizado na Estrada de
Belém, n.ºs 682, 680 e 672,
Encruzilhada
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_036_000349
Casas térreas ecléticas
localizadas na Rua Vicente
Pinzón, n.ºs 53, 61 e 65,
Encruzilhada
Rucker Vieira junho de 1985

Código de acesso:
ECL_036_000350
Casas térreas ecléticas
localizadas na Rua Vicente
Pinzón, n.ºs 41 e 51,
Encruzilhada
Rucker Vieira, junho de 1985

Código de acesso:
ECL_019_000188
Casa eclética localizada na
Estrada de Belém, n.º 672,
na esquina com Ruas Vicente
Pizón, Encruzilhada
Rucker Vieira, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_019_000187
Chalé localizado na Estrada de Belém, n.º 658, Encruzilhada
Rucker Vieira, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_043_000423
Chalé localizado na Rua Marechal Deodoro, n.º 252, Encruzilhada
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_018_000178
Chalé, hoje demolido, localizado na Estrada de Belém, n.º 345, Hipódromo
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_020_000193
Chalé localizado na Estrada de Belém, n.º 995, Campo Grande
Rucker Vieira., abril de 1985

Código de acesso:
ECL_082_000812
Casa Neocolonial, hoje demolida,
localizada na Rua Caio Pereira,
n.º 365, Encruzilhada
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_019_000184
Casa Neocolonial localizada
na Estrada de Belém, n.º 436,
Encruzilhada
Rucker Vieira, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_083_000815
Palacete no Estilo Missões
localizado na Rua Doutor José
Maria, n.º 453, Encruzilhada
Edja Trigueiro, junho de 1986

A VÁRZEA DO CAPIBARIBE

Localizada ao longo do principal rio que corta a capital pernambucana, a Várzea do Capibaribe foi a maior região documentada na pesquisa. Embora tenhamos dividido essa região em duas áreas, margens direita e esquerda do rio, optamos por não fazer essa distinção ao apresentar as imagens desse trecho da cidade.

Essa é uma área do Recife, assim como as outras, que tem sua ocupação fixada ainda nos primeiros séculos de ocupação do Brasil, no entanto se difere das demais por ter sido mais intensamente ocupada, apresentando uma grande quantidade de engenhos ao longo das margens do rio Capibaribe. Alguns desses engenhos ainda se mantêm preservados com diversas edificações, tais como casas-grandes e capelas, reformadas ao longo dos séculos para incorporar novos elementos. Assim como esses remanescentes de engenhos, essa é a região pesquisada que mais apresenta edificações construídas ainda no período colonial, que não sofreram, ou pouco sofreram, alterações ao longo dos séculos XIX e XX. São localizadas, majoritariamente, no bairro do Poço da Panela e nos seus arredores.

Código de acesso:
ECL_098_000966
Casas térreas, localizadas na Rua Luiz Guimarães, nº 111 e 123, Poço da Panela, com elementos ornamentais que remetem ao fim do período colonial
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_098_000967
Conjunto de casas térreas, localizadas na Rua Luiz Guimarães, Poço da Panela, com elementos ornamentais que remetem ao fim do período colonial
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_116_001151
Conjunto de casas térreas, localizadas na Rua Ilha do Temporal, Monteiro, com elementos ornamentais que remetem ao fim do período colonial
Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:
ECL_053_000523
Sobrado, possivelmente, datado do fim do período colonial, localizado na Estrada Real do Poço, nº 568, Poço da Panela, ao qual foram acrescidos elementos ornamentais ao longo do século XIX
Edja Trigueiro, abril de 1986

Código de acesso:
ECL_122_001212
Conjunto de casas térreas, localizadas na Rua Apipucos, datado do período colonial, onde algumas edificações incorporaram novos elementos ornamentais ao longo dos séculos XIX e XX
Eliane Velozo, abril de 1987

A Várzea do Capibaribe é aquela onde encontramos o maior número de edificações rurais e remanescentes de engenhos preservados na cidade do Recife. A maior parte dessas construções, no entanto, sofreu modificações ao longo do tempo, sendo a elas incorporados elementos ornamentais, em sua maioria, neoclássicos e ecléticos.

Código de acesso:
ECL_119_001174
Casarão do Cordeiro, edificação rural, possivelmente, datada do século 18 e localizada na Rua Odete Monteiro, 450, Cordeiro
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_119_001180
Casa Grande do Engenho Cordeiro, localizada na Avenida Maurício de Nassau, sem número, Cordeiro
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_122_001204
Casarão do Barbalho, edificação rural localizada na Estrada do Barbalho, sem número, Iputinga, com elementos que já remetem a uma estética neoclássica
Eliane Velozo, abril de 1987

O Sobrado Grande da Madalena é a antiga casa-grande do Engenho Madalena, reformada no século XIX, quando foram incorporados elementos de gosto neoclássico e sua fachada foi inteiramente revestida por azulejos de origem portuguesa.

Código de acesso:
ECL_081_000801
Sobrado Grande da Madalena, localizado na Rua Benfica, nº 1150, Madalena
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_079_000777
Antiga casa-grande do Engenho da Torre, datado do século XVI, localizada na Praça Professor Barreto Campelo, sem número, Torre, após a reforma que agregou elementos neoclássicos e ecléticos
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de Acesso:
ECL_060_000588
Sítio da Cruz, localizado na Avenida Rui Barbosa, nº 36, Graças
Edja Trigueiro, maio de 1986

Um dos exemplares mais significativos da arquitetura neoclássica pernambucana, o Solar que pertenceu a família Tavares da Silva, também conhecido como Sítio da Cruz, é, possivelmente, a primeira construção residencial do estado de gosto neoclássico, antecedendo, talvez até mesmo, o próprio Teatro de Santa Isabel. A composição do solar é bastante simples, porém elegante, sendo o pórtico acrescido a sua fachada central muito semelhante ao do antigo Real Teatro de São João, no Rio de Janeiro, construção dos anos 1810 que possivelmente inspirou o projetista dessa residência. A edificação, que antes dominava a paisagem ao seu redor, estando isolado em uma grande propriedade arborizada, figura numa gravura, datada de 1852, de autoria de Emil Bauch, chamada "Ponte do Manguinho". Praticamente não sofreu alterações ao longo do tempo, tendo recebido, apenas, um pequeno frontão triangular em sua fachada principal. Pela sua importância, a edificação chegou a ser tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan, porém, por questões políticas, foi destombada pouco depois. Hoje ela se encontra legalmente protegida pela Prefeitura do Recife.

Código de acesso:
ECL_006_000053
Palacete neoclássico localizado na Avenida 17 de Agosto, nº 1893, Poço da Panela
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_008_000080
Residência de gosto neoclássico, hoje demolida, localizada na Avenida 17 de Agosto, nº 2388, Monteiro
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_003_000021
Residência de gosto neoclássico localizada na Avenida 17 de Agosto, nº 2513, Monteiro
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_026_000255
Residência, localizada na Rua da Hora, nº 383, Espinheiro, onde podemos perceber elementos típicos do gosto neoclássico que se popularizou em Pernambuco, como o frontão triangular, acrotérios e esculturas de louça coroando a edificação
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_098_000970
Residência neoclássica,
localizada na Rua Carlos Gomes,
nº 354, Prado
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_004_000036
Residência neoclássica,
localizada na Rua São Francisco
de Paula, nº 103, Caxangá
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_081_000802
Solar neoclássico, antiga residência do colecionador de antiguidades Braz Ribeiro, localizado na Rua Benfica, nº 810, Madalena
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_120_001189
Fachada voltada para o Rio Capibaribe do Solar dos Amorim, posteriormente ocupado pela Escola de Belas Artes de Pernambuco, palacete neoclássico localizado na Rua Benfica, nº 150, Madalena
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_065_000639
Palacete localizado na Rua
Benfica, nº 251, Madalena
Edja Trigueiro, maio de 1986

O Palacete localizado na Rua Benfica, nº 251, no bairro da Madalena, que outrora teve moradores conhecidos como o pintor Lula Cardoso Ayres e a família Von Sohsten, é, sem sombra de dúvida, um dos melhores exemplares da arquitetura neoclássica brasileira. Construído na década de 1860, o edifício, de autoria não identificada, possui diversos acabamentos nobres, como mármores e jarrões encimando a platibanda, além de balcões e gradis em ferro fundido, assim como a fachada voltada para a rua revestida por azulejos portugueses de influência holandesa com um fundo amarelo, assentados na diagonal, sendo a única edificação no estado com essa característica.

Outra residência azulejada que também se destaca na paisagem recifense é o Solar do Barão Rodrigues Mendes, atualmente ocupado pela Academia Pernambucana de Letras. A edificação, de volumetria mais trabalhada que seus pares contemporâneos, é, possivelmente, datada dos anos 1870, e está revestida por azulejos portugueses de vários padrões, sendo considerada um dos melhores exemplares arquitetônicos da arquitetura neoclássica brasileira.

Código de acesso:
ECL_025_000243
Solar do Barão Rodrigues
Mendes, atual Academia
Pernambucana de Letras, na
Avenida Rui Barbosa,
nº 1596, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_098_000969
Casa de gosto neoclássico,
construída em 1849, localizada
na Rua Jorge de Albuquerque,
nº 143, Poço da Panela, revestida
por azulejos franceses não
encontrados em nenhuma outra
edificação do estado
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_001_000010
Casa de gosto neoclássico,
localizada na Rua Apipucos,
nº 117, Monteiro, revestida por
azulejos em relevo de
origem portuguesa
Edja Trigueiro, março de 1985

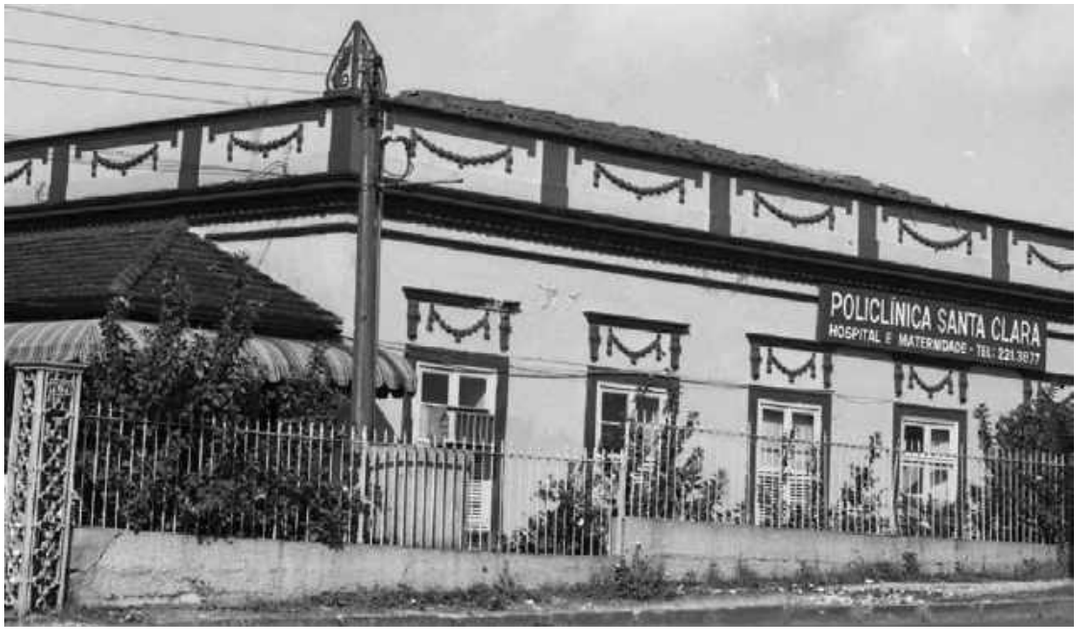
Código de acesso:
ECL_061_000600
Casa de gosto neoclássico, hoje
demolida, localizada na Rua
Joaquim Nabuco, nº 488, Graças,
revestidas por
azulejos portugueses
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_103_001014
Casa de gosto neoclássico, hoje demolida, localizada na Rua Coronel Pacheco, nº 105, Várzea, revestida por azulejos franceses não encontrados em nenhuma outra edificação do estado
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_137_001353
Sobrado de gosto neoclássico revestido por azulejos portugueses, localizado na Avenida Portugal, sem número, Paissandu, nas dependências do Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_034_000336
Sobrado de gosto neoclássico, hoje demolido, localizado na Rua Real da Torre, nº 701, Madalena
Rucker Vieira, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_080_000785
Sobrado de gosto neoclássico, com elementos neogóticos, hoje demolido, localizado na Avenida Beira Rio, nº 875, Madalena
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:
ECL_102_001011
Residência de gosto neoclássico, hoje demolida, localizada na Rua Paissandu, nº 767, Paissandu
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_005_000044
Residência de gosto neoclássico, localizada na Avenida Afonso Olindense, nº 606, Várzea
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_001_000009
Residência de gosto neoclássico, localizada na Rua Apipucos, nº 568, Monteiro
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_097_000962
Residência de gosto neoclássico localizada na Estrada Real do Poço, nº 569, Poço da Panela
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_007_000070
Residência de gosto neoclássico localizada na Avenida 17 de Agosto, nº 1545, Poço da Panela
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_051_000499
Residência de gosto neoclássico
localizada na Rua da Amizade,
nº 131, Graças
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:
ECL_113_001123
Casa de gosto neoclássico, hoje
demolida, localizada na Rua
Samuel Falcão, nº 47, Madalena
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_104_001032
Residência de gosto neoclássico,
hoje demolida, localizada na
Avenida Nossa Senhora da
Saúde, nº 12, Cordeiro
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_099_000976
Casa de gosto neoclássico,
localizada na Estrada dos
Remédios, nº 1841,
Ilha do Retiro
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_086_000851
Casa térrea de gosto neoclássico localizada na Rua do Espinheiro, nº 468, na esquina com a Rua Santo Elias, Espinheiro
Edja Trigueiro, junho de 1986

A pequena casa térrea de gosto neoclássico localizada na esquina das ruas do Espinheiro e Santo Elias, no bairro do Espinheiro, passaria desapercebida se, na base do seu cunhal, não tivesse um pequeno dístico em metal, implantado no século XIX, para registrar a altitude, em relação ao mar, da região do Espinheiro que, no caso, é de 6 metros. Esses marcos, que indicam o "Nivelamento da Província – acima do nível do mar", são encontrados em outras edificações da cidade e foram fruto do Levantamento Altimétrico do Recife, realizado pelo engenheiro Victor Fournié, entre os anos de 1874 e 1875.

Código de acesso:
ECL_118_001173
Conjunto de casas de gosto neoclássico localizadas na Rua Visconde de Ouro Preto, nº 145, 153 e 155, Casa Forte
Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:
ECL_042_000416
Conjunto de casas de gosto neoclássico, hoje demolidas, localizadas na Avenida Norte, nº 2151 e 2157, Espinheiro
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_064_000633
Conjunto de casas de gosto neoclássico localizadas na Rua Joaquim Nabuco, nº 690 e 708, Graças
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_117_001157
Conjunto de casas de gosto neoclássico localizadas na Avenida 17 de Agosto, entre os números 1766 e 1790, Casa Forte
Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:
ECL_118_001165
Conjunto de casas de gosto neoclássico e eclético localizadas na Avenida 17 de Agosto, entre os números 1469 e 1495,
Poço da Panela
Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:
ECL_117_001156
Conjunto de casas de gosto neoclássico localizadas na Avenida 17 de Agosto, entre os números 1706 e 1740, Casa Forte
Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:
ECL_118_001171
Conjunto de casas de gosto neoclássico localizadas na Praça de Casa Forte, entre os números 334 e 306, Casa Forte
Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:
ECL_131_001302
Conjunto de casas de gosto neoclássico localizadas na Rua das Creoulas, nº 294, 292 e 268, Graças
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:
ECL_061_000596
Conjunto de casas de gosto neoclássico, hoje demolido, localizado na Rua Joaquim Nabuco, entre os números 305 e 325, Derby
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_121_001196
Conjunto de casas de gosto neoclássico, localizado na Rua Benfica, entre os números 1120 e 1134, Madalena
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_006_000057
Residência de gosto neoclássico, acrescida de alguns ornamentos ecléticos, localizada na Praça de Casa de Forte, nº 317, Casa Forte
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_104_001030
Residência de gosto neoclássico, com acréscimos ecléticos, localizada na Avenida Caxangá, nº 3595, Iputinga
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_097_000961
Sítio Donino, casa neoclássica que, posteriormente, recebeu uma ornamentação eclética localizada na Rua Joaquim Xavier de Andrade, nº 136, Poço da Panela, conhecida pela realização de festas juninas tradicionais, além de outros eventos culturais
Edja Trigueiro, julho de 1986

O Solar que hoje é a sede da Fundação Joaquim Nabuco foi construído, entre 1874 e 1877, pelo comerciante de açúcar Francisco Ribeiro Pinto Guimarães e mescla diversos elementos de influências neoclássica e eclética. Composta por quatro blocos isolados, a antiga residência de Francisco Ribeiro tem uma implantação bastante singular em relação às outras construções dos arrabaldes recifenses daquele período, estando distribuída em diversos blocos, alguns revestidos por uma diversidade de padrões de azulejos portugueses, localizados nas extremidades do lote, conformando um pátio central, elemento não encontrado em nenhuma outra edificação pernambucana do período.

Código de acesso:
ECL_008_000076 e
ECL_008_000078
Sede da Fundação Joaquim
Nabuco, localizada na Avenida
17 de Agosto, nº 2187,
Poço da Panela
Severino Ribeiro, abril de 1985

A imponente mansão edificada, em 1847, pelo comerciante inglês Henry Gibson na Ponte D'Uchôa foi uma das primeiras construções a mesclar elementos historicistas em Pernambuco. Foi considerada, pela imprensa da época, como uma "construção de mau gosto" (Diário de Pernambuco de 12 de novembro de 1855). Os comentários se devem, em parte, ao fato de o edifício ser a primeira residência no estado a se utilizar de uma ornamentação com influências neomanuelinas e neogóticas, esta última, ainda muito ligada às construções religiosas.

Código de acesso:
ECL_025_000245
Mansão Henry Gibson, posteriormente ocupada pela família Batista da Silva, localizada na Avenida Rui Barbosa, nº 1229, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_059_000582
Casa eclética, com elementos neogóticos, localizada na Rua das Graças, nº 254, Graças
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_010_000097
Casa eclética, hoje demolida,
com elementos neogóticos,
localizada na Rua da Harmonia,
nº 663, Casa Amarela
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_035_000345
Palacete eclético, com elementos
neogóticos, localizado na Rua
Benfica, nº 1059, Madalena
Rucker Vieira, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_065_000638
Palacete neoárabe localizado
Rua Benfica, nº 286, Madalena
Edja Trigueiro, maio de 1986

Para além do Neoclássico, entre os Revivalismos popularizados ao longo do século XIX e no início do XX, em Pernambuco, o Neogótico, sem sombra de dúvidas, foi o mais popular, no entanto, por vezes encontramos alguns elementos ligados a outros estilos nas construções do período. É o caso do palacete localizado na Rua Benfica, nº 286, na Madalena, onde funcionou a Pensão Landy, importante lugar de encontro de políticos e empresários, nas primeiras décadas do século passado, de propriedade da alemã Alma Von Landy. Também conhecida como Sobrado Sarraceno, a edificação possui detalhes como arcos em ferradura, típicos da arquitetura mourisca e uma torre central encimada por ameias, que lembra os alcáceres da dominação árabe na Península Ibérica. Além disso, percebemos ainda a presença, em seus acrotérios, do Crescente, elemento símbolo do Império Otomano, que comumente coroa minaretes de mesquitas, fazendo da edificação o único exemplar Neoárabe existente em Pernambuco.

Código de acesso:
ECL_004_000038
Palacete eclético localizado na
Rua São Francisco de Paula
nº 219, Caxangá
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_049_000481
Palacete eclético, hoje demolido,
localizado na Rua das Creoulas,
nº 120, Graças
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:
ECL_029_000285
Palacete eclético, hoje demolido,
localizado na Avenida 17 de
Agosto, nº 257, Parnamirim
Severino Ribeiro, maio de 1985

A atual sede da Cúria Metropolitana, também conhecida como Palácio de Manguinhos, foi a antiga residência do comerciante José da Silva Loyo, o Visconde de Loyo. Construída ainda no século XIX, a edificação aparece em uma gravura de F. H. Carls presente no *Álbum de Pernambuco e Seus Arrabaldes*, datado de 1878, com um traçado mais neoclássico. Os pórticos, assim como a ornamentação eclética que, atualmente, podemos observar no palácio foram fruto de uma reforma ocorrida no início do século 20, após a edificação ser adquirida pela Arquidiocese de Olinda e Recife, que instalou aí a sua sede, inserindo, também, o seu símbolo heráldico no frontão da fachada.

Código de acesso:
ECL_006_000051
Palacete eclético, localizado na Avenida 17 de Agosto, nº 1872, Casa Forte, com destaque para o imponente portão de entrada, comum nos sítios suburbanos recifenses no século 19 do qual restaram poucos exemplares
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_027_000263
Palácio de Manguinhos, localizado na Avenida Rui Barbosa, nº 409, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_023_000220
Palacete eclético, localizado na
Rua Santos Dumont, nº 657,
Rosarinho
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:
ECL_006_000055
Palacete eclético, localizado na
Praça de Casa de Forte, nº 445,
Casa Forte
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_006_000058
Residência eclética, localizada na Praça de Casa de Forte, nº 354, Casa Forte
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_029_000284
Palacete eclético, com torreão remetendo à arquitetura pitoresca, hoje demolido, localizado na Avenida 17 de Agosto, nº 713, Santana
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_031_000302
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Rua da Hora, nº 947, Espinheiro
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_032_000317
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Rua Confederação do Equador, nº 45, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

A Avenida Conselheiro Rosa e Silva, que já se chamou Estrada dos Aflitos, é uma importante via da região norte da cidade do Recife, com registos de ocupação ainda no século XVIII, onde encontramos uma pequena capela, construída em 1762, consagrada à Nossa Senhora dos Aflitos. Essa via foi depositária de um acervo arquitetônico bastante significativo, vinculado à Arquitetura Eclética praticada em Pernambuco nas primeiras décadas do século XX, acervo este, em grande parte já destruído e do qual restam poucas edificações.

Código de acesso:
ECL_031_000308
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 167, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_033_000321
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 516, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_033_000322
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 574, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_025_000248
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 650, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

O palacete construído no encontro da Rua Amélia com a Avenida Conselheiro Rosa e Silva, no local onde outrora existiu o sobrado em que nasceu o sociólogo Gilberto Freyre, é, sem sombra de dúvidas, um dos principais exemplares arquitetônicos filiados à arquitetura eclética produzida em Pernambuco. Residência de Antônio Ferreira da Costa Azevedo, proprietário da Usina Catende, o palacete, que possui uma área de 1.215 metros quadrados, foi projetado pelo arquiteto greco-italiano Giácomo Palumbo e inaugurado em 1934. A edificação possui uma planta assimétrica e uma volumetria movimentada distribuída, em volta de um torreão central, por dois pavimentos, sendo o terceiro ocupado apenas por um mirante. Além disso, a residência possui uma profusão de bens artísticos integrados à construção, como pinturas parietais, forros em estuque, um elevador de ferro fundido além de lustres em cristal, um grande vitral na escada principal, de autoria do artista alemão, radicado em Pernambuco, Heinrich Moser.

Código de acesso:
ECL_033_000324 e
ECL_033_000325
Palacete eclético, antiga residência de Antônio Ferreira da Costa Azevedo, localizado na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 707, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_033_000328
Palacete eclético, hoje
demolido, localizado na Avenida
Conselheiro Rosa e Silva,
nº 750, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_086_000853
Palacete eclético localizado na
Avenida Conselheiro Rosa e
Silva, nº 810, Graças
Edja Trigueiro, junho de 1986

Não se sabe ao certo a data de construção do palacete eclético, localizado na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 810, projetado pelo arquiteto carioca, Armando de Oliveira, no entanto, a edificação está reproduzida na edição de número 6 da revista *Architectura do Brasil*, datada de março de 1922. Famoso pelo projeto de pavilhões na Exposição do Centenário, ocorrida em 1922 na Capital Federal, neste exemplar, Oliveira projetou uma residência de planta recortada, com destaque para uma imponente entrada remetendo a um templo grego, ao mesmo tempo em que se utiliza de uma série de outros elementos revivalistas. O interior da edificação ainda preserva diversos lustres de ferro e cristal, além de painéis de azulejos, pisos em madeira, forros em estuque, além de um grande vitral na escada de acesso ao primeiro pavimento.

Código de acesso:
ECL_087_000855
Palacete eclético, anterior a
1925, localizado na Avenida
Conselheiro Rosa e Silva, nº 950,
Aflitos
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_087_000854
Palacete eclético, hoje
demolido, localizado na Avenida
Conselheiro Rosa e Silva, nº 891,
Graças
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_048_000478
Palacete eclético localizado na
Rua Joaquim Nabuco, nº 240,
Graças
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:
ECL_087_000858
Residência eclética, hoje
demolida, localizada na Avenida
Conselheiro Rosa e Silva,
nº 1336, Aflitos
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_059_000581
Residência eclética localizada na Rua da Amizade, nº 54, Graças
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_062_000605
Conjunto de casas ecléticas, hoje demolidas, localizas na Rua das Pernambucanas, entre os números 120 e 128, Graças
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_060_000592
Casas ecléticas geminadas, hoje demolidas, localizadas na Rua das Creoulas, nº 167 e 179, Graças
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_062_000608
Residência eclética localizada na Praça do Derby, nº 115, Derby
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_062_000611
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Praça do Derby, nº 177, Derby
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_065_000636
Palacete eclético, com destaque para a cúpula central, localizado na Rua Benfica, nº 352, Madalena
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_009_000081
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Estrada do Encanamento, nº 1163, Casa Forte
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_066_000646
Palacete eclético localizado na Avenida Portugal, nº 89, Paissandu
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_066_000647
Palacete eclético, hoje demolido,
localizado na avenida Portugal,
nº 124, Paissandu
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_066_000651
Residência eclética, hoje
demolida, localizada na Rua
Paissandu, nº 564, Paissandu
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_104_001025,
ECL_104_001027
Palacete do Coronel Camilo
Pereira Carneiro, hoje demolido,
localizado na Avenida Caxangá,
nº 5666, Caxangá
Edja Trigueiro, julho de 1986
(as fotos da demolição não têm
data nem autor identificado)

Código de acesso:
ECL_AMP_001392
Demolição do Palacete do Coronel Camilo Pereira Carneiro, localizado na Avenida Caxangá, nº 5666, Caxangá
Autor não identificado, sem data

Código de acesso:
ECL_021_000207
Imóveis comerciais, possivelmente datados do século XIX, que receberam uma ornamentação de gosto eclético nas primeiras décadas do século XX, localizados na Rua Azeredo Coutinho, nº 169 e 175, Várzea
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:
ECL_061_000598
Imóvel comercial, hoje demolido, possivelmente datado do século XIX que recebeu uma ornamentação de gosto eclético nas primeiras décadas do século XX, localizado na Rua Joaquim Nabuco, nº 353, Derby
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_055_000536
Residência eclética localizada na
Rua do Chacon, nº 248,
Poço da Panela
Edja Trigueiro, abril de 1986

Código de acesso:
ECL_036_000356
Residência eclética, hoje
demolida, localizada na Rua do
Espinheiro, nº 664, Espinheiro
Rucker Vieira, junho de 1985

Código de acesso:
ECL_036_000358
Residências ecléticas, hoje
demolidas, localizadas na Rua do
Espinheiro, nº 680, Espinheiro
Rucker Vieira, junho de 1985

Código de acesso:
ECL_037_000360
Residências ecléticas, hoje demolidas, localizadas na Rua do Espinheiro, nº 756 e 730, Espinheiro
Rucker Vieira, junho de 1985

Código de acesso:
ECL_038_000377
Residência eclética localizada na Rua Barão de Itamaracá, nº 21, Espinheiro
Rucker Vieira, junho de 1985

Código de acesso:
ECL_129_001277
Conjunto de edificações ecléticas, hoje demolidas, localizadas na Rua Marquês do Paraná, nº 185, 179 e 173, Espinheiro
Edja Trigueiro, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_048_000472
Residências ecléticas localizadas
na Rua Cardeal Arcoverde,
nº 191 e 175, Graças
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:
ECL_048_000473
Residência eclética, hoje
demolida, localizada na Rua
Cardeal Arcoverde, nº 184,
Graças
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:
ECL_060_000586
Residência eclética, anterior
a 1922, localizada na Rua das
Graças, nº 326, Graças
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_085_000834
Residência eclética localizada na
Rua João Ramos, nº 252, Graças
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_007_000063
Residência eclética localizada
na Praça de Casa de Forte,
nº 454, Casa Forte, onde residiu
o político Oswaldo Lima
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_010_000093
Residência eclética localizada
na Rua da Harmonia, nº 569,
Casa Amarela
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_128_001271
Residência eclética localizada
na Estrada do Arraial, nº 3345,
Casa Amarela
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_002_000018
Residências ecléticas localizada
na Estrada do Arraial,
nº 3734 e 3758, Casa Amarela
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_002_000017
Residência eclética localizada
na Estrada do Arraial, nº 3764,
Casa Amarela
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_025_000240
Residência eclética localizada na Avenida Parnamirim, nº 417, Parnamirim
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_079_000781
Residências ecléticas, hoje demolidas, localizadas na Rua Pio IX, nº 237, 245 e 251, Torre
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_079_000783
Residências ecléticas, hoje demolidas, localizadas na Rua Pio IX, nº 316 e 318, Torre
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_098_000973
Residências ecléticas, hoje demolidas, localizadas na Rua Carlos Gomes, nº 730 e 736, Prado
Edja Trigueiro, julho de 1986

O gosto historicista na arquitetura pernambucana, ao longo da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX, se popularizou não apenas nas construções mais elaboradas, pertencentes a uma aristocracia açucareira ou à burguesia em ascensão naquele período. Ornamentos de cunho historicistas são, também, comumente encontrados nas edificações mais simples, vernaculares, demostrando que a popularização desses elementos ornamentais atingiu todas as camadas sociais.

Código de acesso:
ECL_128_001273
Casas vernaculares com leve ornamentação eclética, hoje demolidas, localizadas na Praça do Trabalho, entre os números 46 e 66, Casa Amarela
Edja Trigueiro, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_028_000274
Casas vernaculares com leve ornamentação eclética, hoje demolidas, localizadas na Avenida Norte, nº 4742 e 4738, Alto José do Pinho
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_028_000275
Chalé, hoje demolido, localizado na Avenida Norte, nº 5218, Morro da Conceição
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_042_000412
Chalés, hoje demolidos, localizados na Avenida Norte, nº 1907 e 1915, Espinheiro
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Os Chalés Românticos são uma tipologia bastante comum, encontrada em praticamente todas as regiões pesquisadas ao longo das margens do Rio Capibaribe, desde o bairro do Paissandu até a Várzea.

Código de acesso:
ECL_005_000049
Chalés, hoje demolidos, localizados na Avenida Afonso Olindense, nº 1582 e 1584, Várzea
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_005_000042
Chalé, hoje demolido, localizado na Avenida Afonso Olindense, nº 541, Várzea
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_103_001015
Portão de acesso a um chalé, hoje demolido, localizado na Rua Coronel Pacheco, nº 73, Várzea
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_104_001024
Chalé localizado na Mário Campelo, antiga Estrada da Levada, nº 317, Várzea
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_004_000034
Chalé localizado na Rua São Francisco de Paula, nº 403, Caxangá
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_003_000030
Chalé localizado na Rua São Francisco de Paula, nº 175, Caxangá
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:
ECL_055_000538
Chalé localizado na
Rua do Chacon, nº 300,
Poço da Panela
Edja Trigueiro, abril de 1986

Código de acesso:
ECL_054_000529
Chalé localizado na Estrada Real
do Poço, nº 293, Poço da Panela
Edja Trigueiro, abril de 1986

Código de acesso:
ECL_034_000330
Chalé, hoje demolido, localizado
na Rua Real da Torre, nº 1435,
Torre
Rucker Vieira, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_049_000483
Chalé localizado na
Rua das Creoulas, nº 58, Graças
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:
ECL_096_000949
Chalé, com uma volumetria
mais aproximada à de um
palacete, localizado na Avenida
Conselheiro Rosa e Silva,
nº 1767, Jaqueira
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_061_000603
Raro exemplo de chalé com
dois pavimentos, hoje demolido,
localizado na Rua Joaquim
Nabuco, nº 619, Derby
Edja Trigueiro, maio de 1986

O chalé localizado na Rua Azeredo Coutinho nº 130, na Várzea, foi, possivelmente, inaugurado em 27 de maio de 1905, como consta na sua fachada, e é um dos últimos exemplares de chalé com dois pavimentos ainda existentes no Recife. Esse edifício ainda ficou bastante conhecido por abrigar o Hospital Magitot, o primeiro hospital odontológico da América Latina, fundado em 1944, hoje com suas atividades encerradas, sendo este o seu terceiro endereço.

Código de acesso:
ECL_103_001018
Chalé localizado na Rua Azeredo Coutinho, nº 130, Várzea
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_009_000085
Chalé localizado na Estrada do Encanamento, nº 742,
Casa Amarela
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_009_000090
Chalé localizado na Rua da Harmonia, nº 176, Casa Amarela
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_025_000241
Chalé localizado na Avenida Rui Barbosa, nº . 1654, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_049_000488
Chalé localizado na Rua das Pernambucanas, nº 92, Graças
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:
ECL_050_000490
Chalé, hoje demolido, localizado
na Rua das Pernambucanas,
nº 107, Graças
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:
ECL_081_000797
Chalé localizado na Rua Castro
Leão, nº 158, Madalena
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_029_000282
Chalé reformado localizado na Avenida 17 de Agosto, nº 917, Santana
Severino Ribeiro, maio de 1985

Quando observamos a residência localizada na Avenida 17 de Agosto, nº 917, em Santana, em função da diversidade de elementos ornamentais presentes na sua composição, vinculados a momentos distintos da arquitetura de cunho historicista praticada no Recife entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX, fica difícil enquadrá-la em alguma das categorias propostas pela pesquisa. O seu frontão, com leves linhas recortadas, nos remete a uma arquitetura Neocolonial, ou do Estilo Missões, comum em Pernambuco a partir da década de 1930, no entanto outros elementos da edificação nos fazem crer que se trata de uma construção mais antiga, datada de fins do século XIX, mais precisamente um Chalé, tipologia bastante comum na sua vizinhança imediata. São elementos como uma varanda circundando o volume principal da edificação, as portas em janelas com arcos ogivais, além de outros ornamentos e detalhes construtivos, que nos fazem crer que essa edificação originalmente era um chalé reformado a partir do segundo quartel do século passado, para o novo gosto arquitetônico vigente no momento.

As edificações, hoje ocupadas pela Escolinha de Arte do Recife, fundada em 1953 pela arte-educadora Noemia Varela e pelo artista e poeta Augusto Rodrigues, são um conjunto bastante interessante, representativo da arquitetura residencial recifense de fins do século XIX e princípio do XX. A edificação de número 112, possivelmente mais antiga, é uma pequena casa térrea, com uma ornamentação de gosto neoclássico, encimada por uma platibanda delicadamente recortada e ladeada por pinhas. Já o outro edifício, possivelmente mais recente, de número 104, é um pequeno chalé, de composição mais vernacular, com elementos ornamentais que o aproximam da arquitetura pitoresca, como o frontão ornamentado com falsas estruturas de madeira do tipo enxaimel.

Código de acesso:
ECL_086_000844
Escolinha de Arte do Recife, localizada na Rua do Cupim, nº 104 e 112, Graças
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_063_000614
Casas pitorescas geminadas, localizadas na Praça do Derby, nº 217 e 223, Derby
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_097_000958
Casa pitoresca localizada na
Estrada do Arraial, nº 2273,
Tamarineira
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_140_001389
Casa pitoresca localizada na Rua
Amélia, nº 430, Graças
Eliane Velozo, novembro de 1987

Código de acesso:
ECL_140_001391
Casa pitoresca localizada na Rua
Quarenta e Oito, nº 623, Aflitos,
com um terraço já de um desenho
mais próximo ao Neocolonial
Eliane Velozo, novembro de 1987

Foi na Várzea do Capibaribe, já no início da década de 1920, que apareceu a, provavelmente, primeira edificação Neocolonial em Pernambuco, a casa do industrial Othon Bezerra de Mello, localizada na Avenida Rui Barbosa nº 471. A residência foi desenhada pelo arquiteto Giácomo Palumbo, em 1922, mesmo ano da Exposição Internacional no Rio de Janeiro, que lançou a estética Neocolonial para todo o país, a partir da reforma de um edifício pré-existente, datado do século XIX, objetivando tanto dar ao imóvel uma nova feição, extremamente moderna para a época, quanto atender aos novos padrões de higiene e sanidade. Mesmo tendo conservado boa parte da volumetria pré-existente, o projeto de Palumbo trouxe diversos novos elementos, como os terraços, que, além de aumentar a área construída daquela antiga chácara suburbana, lhe conferiram uma nova roupagem, sendo também o suporte dos ornamentos neocoloniais que caracterizam a edificação até hoje.

Código de acesso:
ECL_027_000262
Casa de Othon Bezerra de Mello, localizada na Avenida Rui Barbosa, nº 471, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_027_000260
Residência neocolonial localizada na Avenida Rui Barbosa, nº 779, Graças, com diversos elementos característicos do movimento, como a varanda com arcadas, painéis de azulejos, beirais de telhas aparentes e uma esquadria com muxarabis
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_059_000579
Residência neocolonial localizada na Avenida Rui Barbosa, nº 317, Graças, com destaque para o copiar na entrada da entrada da edificação
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_063_000619
Residência neocolonial
localizada na Praça do Derby,
nº 17, Derby
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de Acesso:
ECL_063_000617
Residência neocolonial, hoje
descaracterizada, localizada na
Rua Amaury de Medeiros,
nº 200, Derby
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:
ECL_096_000950
Residência neocolonial, hoje demolida, localizada na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 1796, Tamarineira
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_098_000972
Residência neocolonial, hoje demolida, localizada na Rua Carlos Gomes, nº 529, Prado
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_038_000372
Residência neocolonial, hoje demolida, localizada na Rua Conselheiro Portela, nº 560, Espinheiro
Rucker Vieira, junho de 1985

Código de acesso:
ECL_022_000218
Residência neocolonial, hoje demolida, localizada na Rua Santos Dumont, nº 419, Graças
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:
ECL_128_001268
Residência neocolonial
localizada na Estrada do Arraial,
nº 2949, Casa Amarela
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_012_000117
Residência neocolonial
localizada na Avenida 17 de
Agosto, nº 1112, Casa Forte
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_006_000056
Residência neocolonial,
apresentando também alguns
elementos ligados ao Estilo
Missões, localizada na Praça de
Casa de Forte nº 381, Casa Forte
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:
ECL_031_000307
Casas geminadas que misturam
elementos Neocoloniais e do
Estilo Missões, hoje demolidas,
localizadas na Avenida
Conselheiro Rosa e Silva, nº 204
e 212, Graças
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_026_000256 e
ECL_026_000257
Residência em Estilo Missões, hoje demolida, localizada na Rua Rui Calaça, nº 94, Espinheiro
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_030_000294
Residência em Estilo Missões, hoje descaracterizada, localizada na Rua da Hora, nº 692, Espinheiro
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_140_001384
Residência em Estilo Missões
localizada na Rua Quarenta e
Oito, nº 423, Espinheiro
Eliane Velozo, novembro de 1987

Código de acesso:
ECL_121_001198
Residência em Estilo Missões
localizada na Rua Heitor Maia
Filho, nº 70, Madalena
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_034_000333
Residência em Estilo Missões, hoje demolida, localizada na Rua Real da Torre, nº 1453, Torre
Rucker Vieira, maio de 1985

Código de acesso:
ECL_121_001194
Residência em Estilo Missões, hoje demolida, localizada na Rua Heitor Maia Filho, nº 100, Madalena
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:
ECL_080_000792
Residência em Estilo Missões, hoje demolida, localizada na Rua Conde de Irajá, nº 305, Torre
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_081_000794
Residência em Estilo Missões, possivelmente datada de 1945, localizada na Rua Conde de Irajá, nº 257, Torre
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_080_000793
Residência em Estilo Missões, hoje demolida, localizada na Rua Conde de Irajá, nº 283, Torre
Edja Trigueiro, junho de 1986

A VÁRZEA DO TEJIPIÓ

A Várzea do Tejipió corresponde ao trecho do Recife que se desenvolveu em direção ao sul do centro da cidade, num longo processo que remete ainda ao primeiro século de ocupação de terras brasileiras em áreas como os atuais bairros de Afogados e Tejipió. Apesar de a ocupação do bairro de Afogados remeter ao século XVI, foi somente a partir do século XVIII que se registrou ali um conjunto de edificações consolidadas, juntamente com uma capela, no entorno do atual Largo da Paz. Desse largo, partia um dos caminhos em direção ao interior, pela Rua de São Miguel e pela Avenida Doutor José Rufino. Era a antiga Estrada da Vitória que, ladeando os rios Jordão e Tejipió, corta diversos bairros dessa região do Recife, como Estância, Jiquiá, Barro e Tejipió. Este último, originado a partir de um antigo engenho do século XVI, já pertenceu ao município de Jaboatão, sendo transferido para o Recife a partir de um ato do governador Estácio Coimbra, em 1928. No entanto, apesar dessa longa trajetória ligada ao processo de ocupação e desenvolvimento do Recife, o acervo arquitetônico desses bairros, registrado na segunda metade dos anos 1980, mostra uma produção do fim do século XIX e início do XX, passando por edificações que remetem, ainda, ao fim do período colonial, como o Casarão da Mustardinha. Essas edificações foram sendo modernizadas

Código de acesso:
ECL_099_000978
O Casarão da Mustardinha, localizado na Avenida Manoel Gonçalves da Luz, nº 680, juntamente com a Capela de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, são os últimos remanescentes do Engenho Mocotó, onde teve início o processo de ocupação do bairro da Mustardinha.
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_099_000980
Residência de gosto neoclássico, localizada na Rua Vinte e um de Abril, nº 721, Afogados, onde funciona a sede social do Clube Ferroviário do Recife
Edja Trigueiro, julho de 1986

ao longo do tempo pelo gosto historicista vigente. O acervo desses bairros, entretanto, já diminuiu consideravelmente em função da não preservação de muitas edificações históricas identificadas pela pesquisa.

Código de acesso:
ECL_067_000658
Residência de gosto neoclássico, localizada na Avenida Doutor José Rufino, nº 1735, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_069_000682
Residência de gosto neoclássico,
localizada na Rua Falcão
Lacerda, nº 115, Tejipió
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_070_000686
Residência de gosto neoclássico,
hoje demolida, localizada na Rua
Falcão Lacerda, nº 221, Tejipió
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_070_000685
Residência de gosto neoclássico,
hoje demolida, localizada na Rua
Falcão Lacerda, nº 226, Tejipió
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_070_000691
Casa de gosto neoclássico, hoje
demolida, localizada na Rua
Falcão Lacerda, nº 549, Tejipió
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_069_000678
Conjunto de casas térreas, localizadas na Rua Falcão Lacerda, Tejipió
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_044_000432
Residência com ornamentação eclética, localizada na Rua São Miguel, nº 1234, Afogados
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_044_000434
Residências ecléticas, localizadas na Rua São Miguel, nº 2045 e 2059, Afogados
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_099_000979
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Rua 21 de Abril, nº 1245, Mangueira
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_044_000435
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Doutor José Rufino, nº 68, Jiquiá
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_045_000443
Residências, hoje parcialmente alteradas, integrantes de um pequeno grupo de casas, com leves variações ornamentais, localizadas na Rua Moraes e Silva, nº 111 e 119, Estância
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_045_000447
Grupo de residências, com pequenas variações ornamentais, localizadas na Rua Rocha Pombo, nº 32 e 42, Estância, esta última já demolida
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_046_000449
Conjunto de residências de ornamentação eclética, com pequenas variações ornamentais, localizado na Avenida Doutor José Rufino, na esquina com a Rua Havaí, Estância, hoje já praticamente destruído
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_046_000451
Residência eclética, construída em 1923, localizada na Avenida Doutor José Rufino, nº 566, Estância
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_046_000458
Residências de ornamentação eclética, localizadas na Avenida Estância, nº 308, Estância
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_046_000453
Residências de ornamentação eclética localizadas na Avenida Doutor José Rufino, nº 514 e 504, Estância
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_068_000663
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Doutor José Rufino, nº 2121, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_068_000666
Residência eclética localizada na Avenida Doutor José Rufino, nº 2435, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_068_000669
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Doutor José Rufino, nº 2891, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_068_000670
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Doutor José Rufino, nº 2989, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986

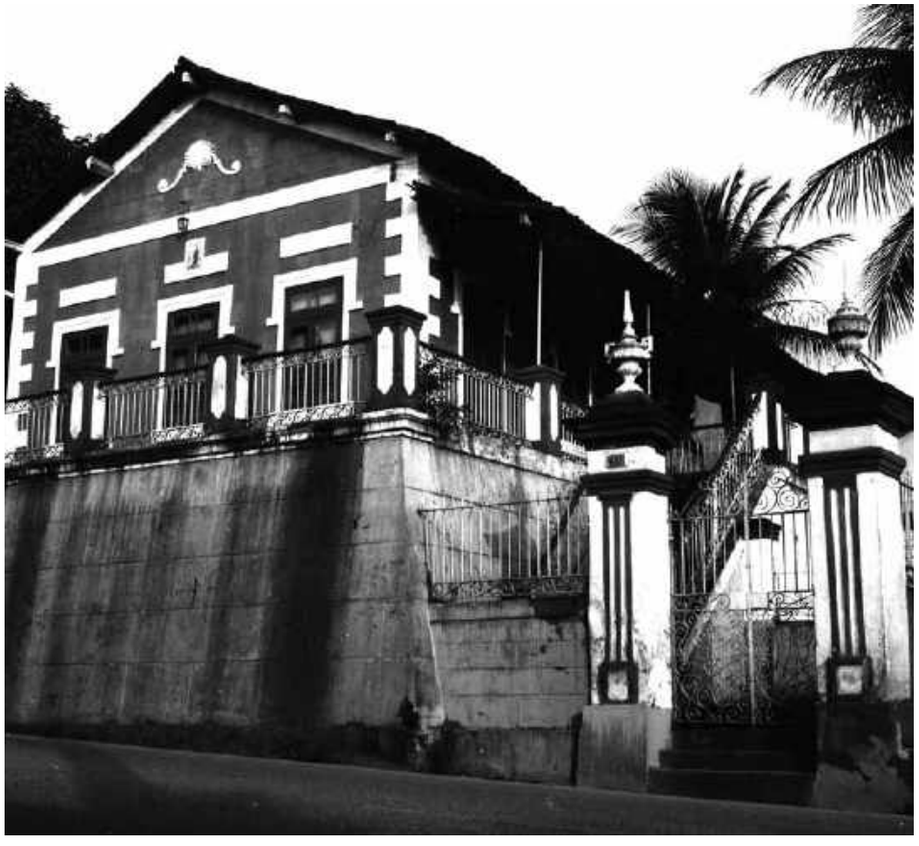
Código de acesso:
ECL_069_000677
Conjunto de casas térreas de ornamentação eclética, hoje já bastante alterado, localizado na Rua Falcão Lacerda, Tejipió
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_070_000687
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Rua Falcão Lacerda, nº 265, Tejipió
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_071_000698
Residência eclética, hoje demolida, localizada na Rua Falcão Lacerda, nº. 5769, Coqueiral
Edja Trigueiro, junho de 1986

Assim como em outras regiões da cidade, também foi encontrada uma grande quantidade de chalés ao longo da antiga Estrada Vitória, em sua maioria já demolidos.

Código de acesso:
ECL_069_000675
Chalé localizado na Avenida Doutor José Rufino, nº 3613, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:
ECL_067_000654
Chalé, hoje demolido, localizado
na Avenida Doutor José Rufino,
nº 1359, Areias
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_044_000430
Villa Alzira, chalé, hoje
demolido, localizado na Rua São
Miguel, nº 711, Afogados
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:
ECL_069_000683
Chalés conjugados, hoje
demolidos, localizados
na Rua Falcão Lacerda,
nº 126A e 126B, Tejipió
Edja Trigueiro, junho de 1986

Na Várzea do Tejipió, foram encontradas todas as categorias estilísticas definidas pela pesquisa, mostrando que essa era uma região que, durante muitos anos, fez parte do processo de expansão da cidade nos seus diversos momentos. Casas de engenho, com ornamentação neoclássica e eclética, chalés, construções pitorescas, ou até as mais recentes edificações neocoloniais e no Estilo Missões fazem parte da paisagem urbana dessa região.

Código de acesso:
ECL_067_000661
Casa pitoresca localizada na
Avenida Doutor José Rufino,
nº 2008, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:
ECL_068_000665
Casa neocolonial localizada na
Avenida Doutor José Rufino,
nº 2379, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986

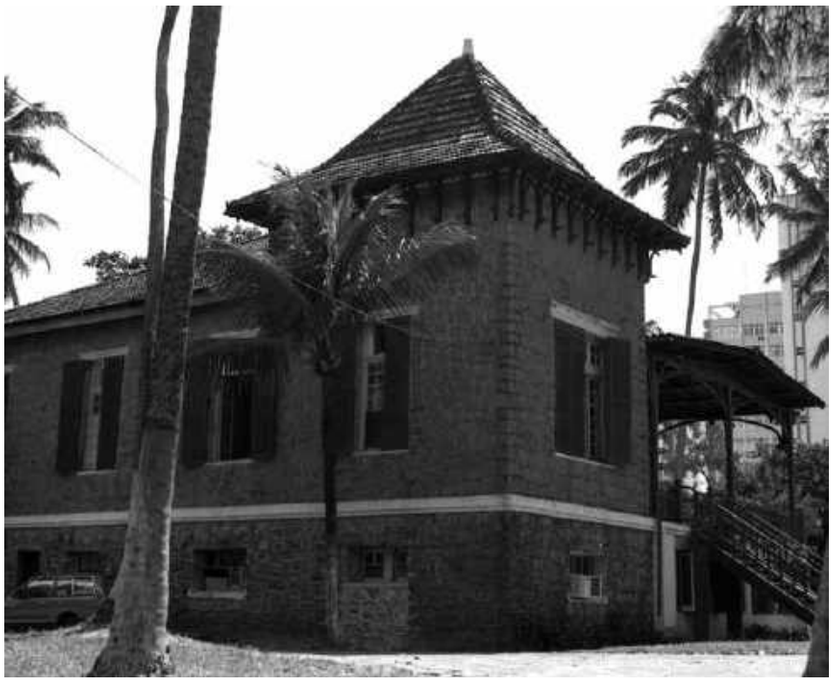
Código de acesso:
ECL_067_000662
Casa neocolonial localizada na
Avenida Doutor José Rufino,
nº 2075, Barro
Edja Trigueiro, junho de 1986

Ainda ao sul da zona central do Recife, uma outra zona de desenvolvimento da cidade foi registrada pela pesquisa: a faixa litorânea distribuída entre os bairros do Pina e de Boa Viagem. Tal região, embora tenha registro de ocupação datado do século XVII, só começou a ser urbanizada nas primeiras décadas do século XX, especialmente após a abertura da Avenida Beira Mar, inaugurada em 20 de outubro de 1924. Um novo impulso de desenvolvimento do bairro se deu, especialmente, no último quartel do século passado, quando os primeiros exemplares arquitetônicos começaram a ser substituídos por edificações de múltiplos pavimentos. No momento de realização da pesquisa, em função das transformações nos bairros do Pina e de Boa Viagem, poucas residências do começo do século XX foram identificadas, no entanto esses poucos registros são capazes de construir uma imagem da diversidade do gosto arquitetônico presente nos bairros, onde podíamos encontrar desde residências ecléticas, especialmente no bairro do Pina, a exemplares Pitorescos, Neocoloniais e filiados ao Estilo Missões.

Código de acesso:
ECL_102_001006
Casas ecléticas, hoje demolidas, localizadas na Avenida Herculano Bandeira, nº 85 e 77, Pina
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_102_001005
Casa eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Boa Viagem, nº 326, Pina
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_100_000984 e
ECL_100_000985
Castelinho, casa pitoresca localizada na Avenida Boa Viagem, nº 4520, Boa Viagem
Edja Trigueiro, julho de 1986



Inspiradas em residências rurais e do centro e do norte europeus, a Arquitetura Pitoresca se popularizou em Pernambuco nas primeiras décadas do século XX, especialmente nos bairros de subúrbios que se expandiram naquele período. A iconografia da época mostra que residências de gosto pitoresco eram comumente encontradas ao longo da Avenida Boa Viagem, e foram desaparecendo ao longo do século passado, sendo o último exemplar preservado o que está localizado no número 4520 da Avenida Boa Viagem. Caracterizado por ser completamente revestido em pedra aparente, com um torreão ladeado por um terraço estruturado em madeira e coberto por telhas de ardósia. Essa residência ficou popularmente conhecida como Castelinho, nome de um bar, famoso na cidade, entre as décadas de 1940 e 1970, que ali funcionava.

Código de acesso:
ECL_101_000994
Casa pitoresca, já demolida,
localizada na Avenida Boa
Viagem, nº 2978, Boa Viagem
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_100_000987
Casa Neocolonial, hoje demolida,
localizada na Avenida Boa
Viagem, nº 3058, Boa Viagem
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:
ECL_101_001002
Casa em Estilo Missões, hoje demolida, localizada na Avenida Boa Viagem, nº 1400, Boa Viagem
Edja Trigueiro, julho de 1986

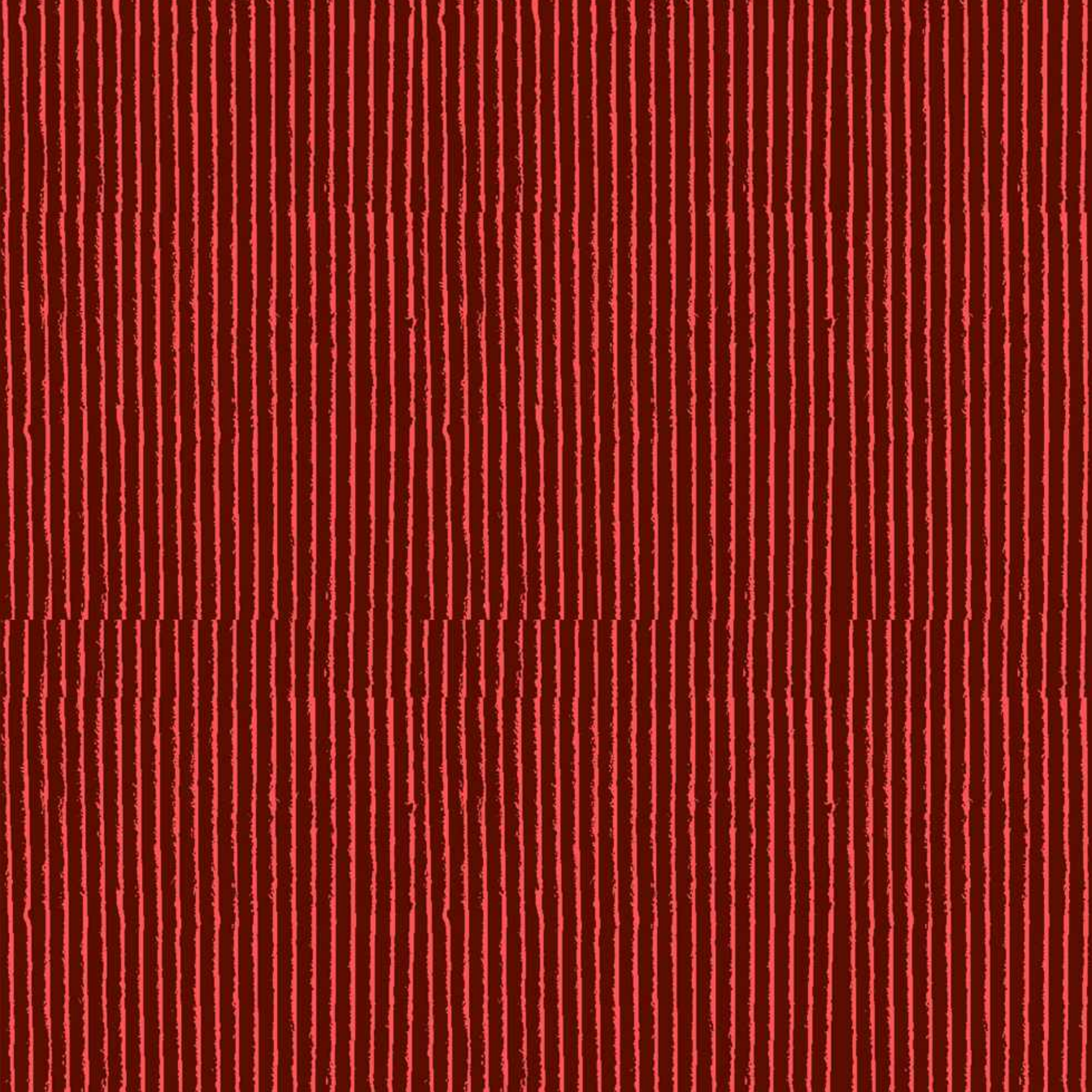
Código de acesso:
ECL_102_001004
Edifício Caiçara, construção com elementos neocoloniais e do Estilo Missões, hoje demolida, localizada na Avenida Boa Viagem, nº 888, Pina
Edja Trigueiro, julho de 1986

O Edifício Caiçara foi construído, em 1942, pelo paraibano Waldemir Miranda, mesclando elementos ornamentais e de composição ligados ao Neocolonial e ao Estilo Missões que, naquele momento, se popularizam, cada vez mais, no país através da divulgação em revistas e manuais de arquitetura. Em 2012, com o surgimento de notícias acerca da sua demolição, grupos da sociedade civil organizada se mobilizaram em prol da preservação do Caiçara, pleito que não foi atendido nas esferas públicas e a edificação foi completamente demolida em 2016.

OS FOTÓGRAFOS DA COLEÇÃO

Edja Trigueiro: Professora Associada do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada em Arquitetura e Urbanismo, Especialista em Sociologia, e mestra em História, pela Universidade Federal de Pernambuco. PhD em Estudos Avançados em Arquitetura pela *Bartlett School*, UCL, *University of London*, onde também desenvolveu estágio pós-doutoral como *Honorary Research Fellow*. Coordena o grupo de pesquisa MUsA – Morfologia e Usos da Arquitetura, que desenvolve estudos sobre relações entre forma construída e práticas socioculturais. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN, no qual foi também vice coordenadora, e segue atuando como professora e orientadora, nos cursos de Doutorado, Mestrado e Mestrado Profissional, focalizando seu interesse na área de morfologia do ambiente construído, formação e transformação de edifícios e cidades e conservação do patrimônio construído.

Eliane Velozo nasceu em Lajedo, Pernambuco. É pesquisadora, escritora, artista visual e fotógrafa. Bacharel em Comunicação Visual pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestra em Belas Artes – Fotografia pela Universidade de Illinois, Chicago, EUA. Foi fotógrafa da Fundação Joaquim Nabuco. Atualmente, vive em Belo Horizonte.

Rucker Vieira nasceu em 1931, na cidade de Bom Conselho, Pernambuco, e faleceu em fevereiro de 2001, no estado de Roraima. Foi diretor do Departamento de Cinema da TV Universitária de Pernambuco, cinegrafista e fotógrafo da Fundação Joaquim Nabuco. Seu talento como fotógrafo dos filmes pernambucanos *Aruanda* (1960), *A cabra na região semi-árida* e *Cajueiro Nordestino* (1962) trouxe o reconhecimento de sua inquestionável contribuição para a história do cinema brasileiro e para a evolução estética do Cinema Novo.

Severino Ribeiro nasceu em 1957, na cidade do Recife, teve os primeiros contatos com a fotografia através do tio fotógrafo Elpídio Ribeiro. Em 1975 começou como laboratorista na Interfilmes, casa fotográfica de propriedade do seu tio. Também trabalhou no *Jornal do Commercio*, do Recife, entre 1980 e 1983, onde além de exercer funções como laboratorista, fotografava para alguns cadernos do jornal. Em 1985, começou a trabalhar na Fundação Joaquim Nabuco, onde primeiramente exerceu o cargo de motorista para, cinco anos depois, assumir o cargo de fotógrafo da instituição.